

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

SILVIA BEATRIZ MENDONÇA

**"Exclusivamente feminino": Materialização cotidiana do gênero por
"garotas de programa"**

Porto Alegre

2013

SILVIA BEATRIZ MENDONÇA

**"Exclusivamente feminino": Materialização cotidiana do gênero por
"garotas de programa"**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Bittencourt Ribeiro.

Porto Alegre

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

M539e Mendonça, Silvia Beatriz.
"Exclusivamente feminino": materialização cotidiana do gênero por "garotas de programa" / Silvia Beatriz Mendonça ; orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Bittencourt Ribeiro. – 2013. – Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013. – 98 f. ; il.

1. Corpo. 2. Gênero. 3. Prostituição. I. Título.

CDD 306

Bibliotecária responsável: Carolina Patrícia König – CRB10/2104

SILVIA BEATRIZ MENDONÇA

"Exclusivamente feminino": Materialização cotidiana do gênero por "garotas de programa"

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Fernanda Bittencourt Ribeiro (Orientadora)

Prof^o. Dr^o. Airton Jungblut (PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Claudia Lee Williams Fonseca (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Rosimeri Aquino da Silva (UFRGS)

Agradecimentos

Em relação ao período da graduação muita coisa mudou, mas não mudou o lugar da minha família nestes anos de estudo, torcendo por mim, ainda que de longe, e apoiando-me sempre. Agradeço a vocês – pai, mãe, Jaison, Nane e Rafinha – a torcida e o apoio, mas principalmente a presença, a existência em si, sem a qual não posso me imaginar, nem como corpo, nem como ser humano.

Duda, minha amiga querida, colocar seu nome aqui é pouco. Talvez eu deva fazer uma faixa tipo aquelas de vestibular e colocar no pórtico da PUC ou em uma das passarelas do dilúvio? Sua amizade é motivo de grande gratidão na minha vida. Aquilo que entendo por amor, aquele que engloba apoio, respeito, ajuda, é o que tenho com você. E em 2012, então, nossa, que barra e quantos altos e baixos e visitas a ortopedistas e você sempre ali do meu lado. Espero agradecer correspondendo à altura. Muito obrigada.

Agradeço imensamente a você Lins. Grande parte deste trabalho e do aprendizado dos últimos dois anos deve-se ao fato de tê-la conhecido e ter-me oportunizado conviver contigo e a inserir-me em campo.

Dani e Camila: já agradei várias vezes pessoalmente, mas nunca é demais. Grata por terem aberto a porta, por terem me recebido e convivido com meu olhar curioso. Grata por permitir minha presença em espaço tão rico e belo como o salão.

Minha gratidão a cada garota de programa que passou por mim na rua, que abri seu blog, que conversei no chat, que li o anúncio num site, que ouvi sua conversa no salão. Àquelas que fazem parte deste trabalho, mas talvez sequer saibam da minha existência. E àquelas que sentaram comigo, que me levaram até suas casas e me contaram sua história, me abriram seus segredos, confiaram em mim.

Aos colegas com quem troquei ideias e angústias. Especialmente à Carol que além da amizade me auxiliou a normatizar o texto.

Prof^a Fernanda, obrigada por acreditar nesta pesquisa e em meu potencial. Obrigada pela orientação, pelo incentivo, pela parceria. Que seja a primeira de muitas.

Profª Rosimeri, agradeço sua atenção e disponibilidade na difícil tarefa de compreender Judith Butler e enriquecer minha discussão sobre gênero.

Aproveito este espaço para agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS pela oportunidade e pela parceria. E agradeço, não sei bem a quem, se ao Governo Federal ou a população brasileira, por ter realizado este curso e esta pesquisa como bolsista da CAPES deixando meus votos de que eu possa fazer deste conhecimento prática de transformação social.

A vocês dedico este trabalho.

“O mundo acha que as mulheres são interesseiras. E os homens não são?
Todo o homem exige da mulher um atributo fundamental: a beleza.
As mulheres exigem do homem outro atributo: o dinheiro. Qual é a diferença?
Só os homens podem exigir e as mulheres não?”.
Paulina Chiziane, em Niketche.

RESUMO

As interpretações presentes no imaginário social acerca da prostituição de mulheres entendem que dentro de uma “normalidade” nenhuma mulher escolheria esse trabalho. Aqui, entendo as garotas de programa como transgressoras da feminilidade como convenção de comportamento quanto à sexualidade por exercerem a prostituição. Verifiquei a partir de etnografia realizada em um salão de beleza situado em uma área da cidade conhecida como sendo de prostituição e de entrevistas semiestruturadas realizadas com garotas de programa que estas se definem não apenas pela identidade social profissional, mas também pela realização de vários papéis sociais e pela circulação em diversos espaços sociais. Verifiquei ainda que os procedimentos estéticos realizados por garotas de programa podem ser entendidos como uma materialização do gênero feminino e que este processo apresenta-se como necessário ao exercício bem sucedido da prostituição. O que as torna reprodutoras, além de transgressoras, da ideia de feminilidade.

Palavras chave: Corpo. Gênero. Prostituição.

RÉSUMÉ

Les interprétations présentes dans l'imaginaire social au sujet de la prostitution des femmes, assument que dans un "normal" aucune femme ne choisirait ce travail. Ici, je vois les call girls comme des transgresseuses de la féminité entendue comme une convention de comportement en matière de sexualité à cause de l'exercice de la prostitution. J'ai vérifié à partir de l'ethnographie réalisée dans un salon de beauté situé dans un quartier de la ville connu comme un domaine de prostituées et aussi par des entrevues semi-structurées menées auprès de quelques call girls qu'elles sont définies non seulement par l'identité sociale professionnelle, mais aussi pour la réalisation de divers rôles sociaux et par leur déplacement dans différents espaces sociaux. J'ai vérifié même que les procédures esthétiques réalisées par les prostituées peuvent être comprises comme une incarnation de la féminité et que ce processus est présenté comme nécessaire à l'exercice d'une prostitution réussie. Ce qui les amène, en même temps, à confirmer et à dépasser l'idée traditionnelle de la féminité.

Mots-clés: Corps. Genre. La prostitution.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ENTRE A DEGENERAÇÃO E A PROFISSÃO	13
2.1	Gênero: a questão que perpassa a prostituição	19
2.2	Gênero e prostituição	21
2.3	Prostituição como projeto? As possibilidades da contemporaneidade	25
3	O EMPREENDIMENTO É INTERPRETATIVO	29
3.1	Batalhando	30
3.2	Observação participante em um salão de beleza	37
3.3	Descobrimo perguntas, perseguindo respostas	44
4	NEM SÓ MÃE, NEM SÓ PUTA: CONTEXTOS E IDENTIDADES	48
4.1	Dinheiro sim, problema não: características dos clientes	49
4.2	Categorias de prostituição e o manejo da identidade	51
4.3	“Fudida” e bem paga	57
4.4	Nojo, “dupla personalidade”, diversão e prazer: significando o exercício da prostituição	59
4.5	Projeto, não destino	62
4.6	Além da ambivalência “mãe x puta”	63
5	EXCLUSIVAMENTE FEMININO: MATERIALIZAÇÃO DO GÊNERO EM PRÁTICAS COTIDIANAS	65
5.1	Lugar de passagem... Bronzeamento, cabelo, massagem!	66
5.2	Corpo: cuidado de si e construção do feminino	71
5.3	Corpo ideal? “O problema é o que eu vou botar na foto!”	73
5.4	É só travesti que se monta?	79
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	87
	FONTES CONSULTADAS	95
	APÊNDICE A – DADOS QUANTITATIVOS	96
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	97

1 INTRODUÇÃO

Na literatura em geral e no imaginário social a prostituição permeia como uma atividade degenerativa, marginal e marginalizante, realizada por uma mulher moralmente desviada ou que não tem alternativa e, geradora de consequências – ruins – infundáveis para quem a pratica¹. Novos pesquisadores têm apresentado um novo modo de olhar para a prostituição e, buscando considerar a lógica dos sujeitos, apontam questões importantes para relativizar a imagem estigmatizada da prostituta (CASTILHO, 2008; OLIVAR, 2010; PISCITELLI, 2007a,b; TEIXEIRA, 2008).

Neste trabalho utilizo a palavra prostituição para nomear a prática de um contrato explícito e reconhecido de troca de sexo e dinheiro. Considero que as propostas de Gaspar (1985) e Piscitelli (2005) são relevantes para análises focadas na prostituição em si. No entanto, não me ajudam a bem situar minhas interlocutoras. Ao utilizar uma definição de prostituição, entre outras possíveis, viso delimitar sociologicamente as atividades das mulheres que foram minhas interlocutoras no trabalho de campo.

Entendo que boa parte do estigma que cerca a prostituição de mulheres seja consequência das construções heteronormativas (BUTLER, 2008) que vigoram em nossa sociedade, tanto a imagem da prostituta como vítima de circunstâncias indesejadas como a de uma “mulher” moralmente desviada. O termo “gênero” indica as construções sociais, históricas, políticas e psicológicas (MATOS, 2008; SANTOS; IZUMINO, 2005; SCOTT, 1990) dos atributos de masculinidade e feminilidade. Estes atributos constroem o biológico em termos de diferença e são tidos como naturais para os corpos “biologicamente” marcados como “de homem” ou “de mulher”, respectivamente.

As convenções de gênero estabelecem características para as mulheres como passividade, sobreposição do amor em relação ao sexo e instinto materno de modo que há uma concepção da mulher como sexo frágil que torna inadmissível que este “ser” exerça a prostituição, a menos que seja por coerção. Assim, a mulher prostituta é estigmatizada por ter a sua identidade social “[...] construída a partir da

¹ Este panorama é apresentado por BERNSTEIN, 2008; CASTILHO, 2008; GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005; LOPES; RABELO, 2007; PISCITELLI, 2007a,b; RUSSO, 2007; TORRES; DAVIM; COSTA, 1999; ZELIZER, 2009.

sua condição de transgressora das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade” (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 530).

Contudo, a partir da década de 1960 um contexto de transformações sociais e tecnológicas abre uma brecha para pensar a inserção na prostituição como uma escolha profissional não necessariamente determinante da sociabilidade e da condição feminina das mulheres que optam por ela. E o “ser profissional do sexo” pode ser justificado por necessidades financeiras e, na sociedade atual, pela conquista de ganhos simbólicos (carro do ano, celular, festas, estudo, contatos trabalhistas) que não existiriam de outra forma. Assim, este projeto pode ser aceito ou, pelo menos, respeitado. Se não para todos e em todos os contextos, ao menos para si.

Dito isto, o que impulsionou esta pesquisa foi a busca por conhecer e analisar os possíveis ganhos simbólicos (OLIVAR, 2011) atribuídos à profissão e as condições para sua ocorrência, relativizando, em acordo com Fonseca (1996) a imagem da prostituta sofrida que só exerce esta atividade devido à coerção ou a miséria. Para tanto defini como primeira tarefa metodológica realizar observação participante e, como segunda, realizar entrevistas semiestruturadas com mulheres que atuam de diferentes formas na prostituição para aprofundar questões vistas em campo.

Após um longo caminho de busca por espaço realizei a observação participante em um salão de beleza muito frequentado por garotas de programa, ao qual tive acesso com o auxílio de uma colega de turma. Desde o primeiro momento fui muito bem recebida pela dona do salão e por suas funcionárias. Neste espaço vivi situações nas quais se sobressaiam as ambiguidades da relação que havia entre nós (eu e a Dani, eu e as clientes) ali no salão, mas também da relação entre eu e o grupo social que eu estava adentrando, quer dizer: éramos iguais ou éramos diferentes? Ou, quando éramos iguais e quando éramos diferentes?

Na porta do salão o aviso “exclusivamente feminino” indicava uma possível semelhança. Demorou algum tempo para que eu notasse a existência do mesmo, pois ele não ficava na altura do olhar. Certa vez eu estava sentada no *puff* que fica ao lado da porta, quando alguém a abriu e manteve aberta de modo que eu ficasse cara a cara com a tarja preta com o referido aviso em branco. Achei curioso, mas não questionei. Dias depois estive lá um garoto adolescente, foi encontrar sua irmã

manicure que estava em um dia de teste, e perguntou para a Dani como que, se o salão é “exclusivamente feminino”, travestis também eram atendidas ali. Dani, que também é travesti, explicou: por isso que diz feminino. Aquele salão de beleza é, assim, um espaço feminino, um espaço de construção do feminino como características corporais e comportamentais independentes de “sexo”.

Neste sentido, o mais relevante do campo nesta pesquisa foi como ele complexificou o meu olhar e chamou minha atenção para a relação das mulheres com seus corpos. O/A leitor/a atento/a pode pensar que isto se deu pela obviedade do lugar, um salão de beleza, onde tratamentos estéticos são realizados e outros (como cirúrgicos) são comentados, discutidos e difundidos. Mas é curioso e descreverei mais adiante, que esta “obviedade” temática surgiu para mim em situações não muito “óbvias”. Mas em episódios nos quais algumas clientes do salão analisavam os corpos nus umas das outras, seja para que as demais atestassem os efeitos de um bronzamento, conferissem o silicone ou o tratamento que foi ou será feito. Se por um lado eu estava observando um contexto em que se pode pensar a inserção na prostituição como uma escolha profissional, mas ainda assim, entendendo estas mulheres como transgressoras da feminilidade; por outro, eu estava vendo construtoras de um corpo “estritamente feminino” que, em certos momentos, apontavam esta construção como necessária à profissão.

Um sem número de questões surgiu no decorrer das observações. Na relação do meu campo etnográfico com minhas leituras pretendo realizar uma análise que levará em conta as possíveis nuances nos modos de encarar a prostituição e a vida social em geral, de viver como prostituta. Considerando ainda, que estas questões são permeadas pelas normas e estereótipos de gênero, cabe também verificar como se dá a interação com os mesmos, especialmente na relação destas mulheres com o corpo. Assim, meu problema de pesquisa interroga os diferentes modos de lidar com a identidade “GP” e a produção cotidiana do gênero feminino adaptado ao exercício de um determinado tipo de prostituição. Nesta produção, os procedimentos estéticos são rotineiramente realizados e seus resultados servem para classificar tipos de prostituta, segmentos de mercado e perspectivas de renda.

Este trabalho se estrutura em quatro partes. No capítulo 2, intitulado “Entre a degeneração e a profissão” apresento a definição de prostituição que utilizarei no decorrer do trabalho, bem como uma breve revisão da literatura brasileira acerca do

tema. Em um segundo momento, apresento o conceito de gênero e a análise de Piscitelli (2005) sobre a discussão internacional acerca da prostituição sob a perspectiva de gênero, bem como a perspectiva que adoto neste trabalho. Na sequência, aponto algumas das normas de personalidade e comportamento decorrentes do estereótipo de gênero e a relação destas com o estigma que sofre a mulher prostituta. Concluindo este capítulo apresento algumas transformações que vem ocorrendo na sociedade contemporânea. Entendo que algumas de suas características dão margem para que mulheres façam da prostituição um projeto. No capítulo 3, chamado “Procedimentos e método de pesquisa” inicialmente apresento características do método etnográfico e do empreendimento antropológico. Logo após discorro sobre o meu caminho neste campo e até os sujeitos de pesquisa, mais especificamente até o local onde realizei a observação participante. Em um terceiro momento discorro sobre minhas experiências em campo incluindo o surgimento de um novo tema para análise e concluo descrevendo um pouco do processo de busca por entrevistas. Tendo em vista o contexto contemporâneo no capítulo 4 analiso a prostituição como uma escolha dentro de um campo de possibilidades e apresento como as mulheres participantes da pesquisa entendem suas identidades e significam sua vida como garotas de programa. No capítulo 5 exploro a discussão sobre o corpo como sujeito da cultura e a questão de gênero pelo viés da performatividade de Judith Butler (2000). A partir disto penso meus dados e apresento o que entendo ser um processo de materialização de um ideal de feminino. Encerro o trabalho com algumas considerações finais a respeito desta pesquisa.

2 ENTRE A DEGENERAÇÃO E A PROFISSÃO

Farei aqui uma breve reflexão sobre algumas definições de prostituição correntes nas Ciências Sociais brasileira visando bem situar o grupo pesquisado. Interessa-me não delimitar o que é e o que não é atuar como profissional do sexo, mas encontrar a definição mais apropriada para situar sociologicamente minhas interlocutoras.

A definição de prostituição mais usual nas Ciências Sociais brasileira é a de Gaspar (1985, p. 61) que a compreende

[...] como pertencendo a um contínuo de comportamentos que põem em foco a relação entre mulheres e homens passando pelo domínio sexual e pela obtenção de favores, simplesmente através do dinheiro ou de outras facilidades quaisquer.

Nesta linha, outros autores apresentam-se definindo mais ou menos objetivamente prostituição. Cláudia Fonseca, ao estudar relações afetivas heterossexuais, compara a prostituição ao casamento e afirma que aquela é a relação sexual entre homem e mulher que só dura enquanto for paga, contrariamente a relação de marido/mulher que “[...] é marcada pelo *não pagamento*” (FONSECA, 1996, p. 24, grifo meu). Aproxima-se desta, Russo que a define como experiência comum das mulheres prostitutas “[...] a experiência da troca explícita e reconhecida do sexo pelo dinheiro” (RUSSO, 2007, p. 502). E com Rodrigues (2004, p. 151, grifo do autor) que a entende objetivamente como o “[...] *comércio habitual do próprio corpo para satisfação sexual de indiscriminado número de pessoas*”.

Adriana Piscitelli (2005, p. 7) revisita a definição e a complexifica. Pensando na amplitude do mercado do sexo afirma que

[...] as definições correntes da prostituição [não] [...] contribuem para pensar nos diversos tipos de inserção em um jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade que, marcado pela mercantilização, não necessariamente assume a forma de um contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro.

Contudo, apesar de compreender que o mercado do sexo não se restringe à realização de ‘programas’ (PISCITELLI, 2005), nesta pesquisa, prostituição aparece

como um jogo de demanda e oferta marcado pela mercantilização, onde há um contrato explícito e reconhecido de troca entre sexo e dinheiro. Deste modo, a delimitação de Fonseca (1996) corresponde às atividades do grupo pesquisado. A autora propõe que a relação da profissional do sexo com o cliente, enquanto prostituição, só existe perante o pagamento.

Entendo que a busca de Piscitelli (2005) pela compreensão do mercado do sexo seja relevante para pensar a prostituição em si e tem como efeito a ampliação dos sujeitos passíveis de terem assim definida suas atividades. Caso eu optasse por uma definição mais ampla como a de Gaspar (1985), diversas mulheres em seus relacionamentos cotidianos (relacionamentos em que a mulher ganha cotidianamente presentes, ou tem suas contas ou refeições pagas por um homem) poderiam ser incluídas como prostitutas. Contudo, estas mulheres não mantêm estes relacionamentos como fonte de renda, e nem se veem como profissionais do sexo. Isso porque, “[...] a troca de serviços sexuais por dinheiro, por presentes ou por favores [pode ser] um elemento comum da interação” (PARKER, 2001, p. 135), não implicando diretamente em uma autodefinição de si como prostituta. O que entendo ser fundamental para a participação nesta pesquisa.

O tema da prostituição articula várias convenções sociais, pois historicamente a prostituição envolve questões como a exigência da monogamia, da sexualidade passiva da mulher, a heteronormatividade, bem como a questão “[...] da contradição entre o sentimento e o dinheiro” (DUARTE, 2004, p. 70), o que o torna em si relevante. Além disso, mesmo em tempos de luta pela regulamentação da prostituição como profissão no Brasil, permanece no imaginário social, em acordo com a normatividade heterossexual (BUTLER, 2008), o estigma e a imagem da prostituta como vítima de circunstâncias indesejadas e como uma “mulher” moralmente desviada.

A literatura acerca do tema trata em geral dos problemas sociais e morais que envolvem a prostituição como a prostituição infantil, as questões de saúde pública (Doenças Sexualmente Transmissíveis e violência) e, com maior atenção nos últimos anos, o tráfico internacional de mulheres (BERNSTEIN, 2008; CASTILHO, 2008; LOPES; RABELO, 2007; PISCITELLI, 2007a,b; RODRIGUES, 2004, 2009; RUSSO, 2007; TORRES; DAVIM; COSTA, 1999; ZELIZER, 2009). Dentre estes temas acaba tratando também das motivações dessas mulheres para inserir-se na

profissão. Enquanto isso, os novos estudos sobre sexualidade buscam apontar, pelo viés de gênero, que as sexualidades são culturalmente não convencionais ou dissidentes. A prostituição, portanto, não sendo uma anomalia da natureza. Há também os estudos sobre a representação simbólica do dinheiro e o turismo sexual. Na discussão sobre convenções de gênero há o debate dicotômico opressão *versus* libertação, sobre o qual irei discorrer adiante. E, há ainda, estudos mais recentes tratando do movimento social de prostitutas e da regulamentação/ legalização da profissão (OLIVAR, 2010, 2011; RODRIGUES, 2004, 2009).

Os estudos que trabalham a questão da saúde pública (LOPES; RABELO, 2007; TORRES; DAVIM; COSTA, 1999) preocupam-se com os meios de prevenção e transmissão de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), especialmente com a prevenção da AIDS e o risco sempre eminente de epidemias relacionadas a estas doenças. Estudos apontam que desde o final do século passado com o surgimento da epidemia de HIV/AIDS² a prostituição voltou ao centro das preocupações da área de saúde (RODRIGUES, 2009) por serem as prostitutas consideradas grupo de risco.

Outra temática ligada à questão de saúde pública é a da violência contra a mulher. Ela diz respeito à desigualdade de gênero e as relações permeadas pela violência da qual a profissional do sexo não escapa. A literatura corrente no Brasil sobre prostituição ainda que afirme a existência da violência no cotidiano de trabalho da prostituta traz poucos dados passíveis de generalização a respeito. Além disso, “[...] na literatura sobre mulher e/ou violência contra a mulher dificilmente a profissional do sexo é referida” (MOREIRA, 2009, p. 31). Questiono-me sobre as razões desta lacuna, se a ausência de denúncias; se devido a um atendimento moralmente balizado ou se, na ocasião da denúncia, não há a especificação de que se tratava de ocasião de trabalho como profissional do sexo; ou ainda, se os fatos não coincidem com o que se tem como dado.

Deste modo, parece também que vigora a ideia de que dentro de uma “normalidade” nenhuma mulher escolheria este trabalho (FONSECA, 2004). Em geral, entende-se que esta escolha seja feita via coerção o que gera uma

² **AIDS** - Acquired Immune Deficiency Syndrome /Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (em português). **HIV** - Human immunodeficiency virus.

interpretação generalizada da prostituição como violência em si e da violência como intrínseca à realidade de quem vive de serviços sexuais. Contudo, é importante ainda citar que se por um lado isto sobrevive no imaginário social como uma crença, por outro, parece ser negada pela sociedade e pelo Estado que continua sendo omissos no que concerne à regulamentação desta profissão. Neste sentido, com a discussão visou questionar estas ideias arraigadas e as fontes da violência.

A associação entre sexo e violência é comum, na medida em que o domínio do sexo e das emoções sexuais é tratado como 'instintivo', designação esta ligada à animalidade. Contudo, "[...] na prostituição essa correlação é reforçada por vários fatores, na medida em que ela é percebida como um 'mercado de sexo', uma 'venda de mulheres'" (GASPAR, 1985, p. 36).

A violência pode ser recorrente no cotidiano profissional das prostitutas devido a uma série de definições sociais de papéis e valores. Essas mulheres além de manterem relações sexuais com vários homens, o que já representa uma subversão da ordem, fazem-no por dinheiro. A troca de sexo por dinheiro coloca no mesmo nível duas coisas culturalmente consideradas como de naturezas distintas: "[...] o dinheiro, ao mesmo tempo que oferece um padrão para medir o valor, compara as prostitutas com ele próprio, colocando-as como algo despersonalizado, que pode ser usado por qualquer um de qualquer maneira" (GASPAR, 1985, p. 104-105), justificando a violência. Entendo então que, "[...] a sociedade considerar a prostituição não só ilícita, mas também moralmente reprovável, expõe a prostituta a uma violência ainda maior" (MOREIRA, 2009, p. 31).

Os estudos acerca da representação simbólica do dinheiro tratam de seu uso para legitimar a violência, da dificuldade em negociar financeiramente relações interpessoais e da valoração da profissão do sexo. Seguindo a abordagem de Vivian Zelizer (2009, p. 139) em estudo sobre a interação entre dinheiro, poder e sexo, pode-se dizer que esta intersecção causa confusão e conflito em função de os participantes estarem "[...] simultaneamente negociando relações interpessoais delicadas e responsáveis e marcando diferenças entre essas relações e outras com as quais elas poderiam ser fácil e perigosamente confundidas."

Segundo Russo (2007, p. 499), é "[...] com o advento do capitalismo que prostituição e dinheiro se ligam de maneira fundamental [e este] torna-se medida de valor e preço para a prostituição". Assim, por meio do dinheiro, o trabalho da

profissional do sexo “[...] é valorado, mas a mulher que o exerce também o é” (RUSSO, 2007, p. 501). Em pesquisa realizada por esta autora (2007, p. 507) as profissionais afirmam que “[...] a quantidade em dinheiro aparece como um elemento diferenciador do tipo de serviço que prestam e mesmo como medida da sua autoestima.”

O valor conseguido na negociação representa não apenas o valor monetário, bem como “[...] está diretamente ligado ao valor social da mulher” (RUSSO, 2007, p. 502). Neste campo a valorização, bem como a desvalorização da mulher estaria presente no valor monetário em si e o não pagamento dos serviços prestados representa a desvalorização total: ao não pagar, o cliente estaria quebrando as regras e indicando que o “[...] serviço não seria nem mesmo reconhecido como profissional” (RUSSO, 2007, p. 504).

Ao tema da violência interliga-se na literatura, a questão da representação simbólica do dinheiro, mas também do tráfico internacional de mulheres e da migração para fins de prostituição, estes últimos estando relacionados com o turismo sexual. Os estudos sobre turismo sexual dizem respeito a homens que viajam em busca de aventuras sexuais. Neste caso a “[...] ideia de exotismo, que faz parte do universo desses viajantes, está vinculada a uma exacerbação da diferença e intimamente ligada ao erotismo” (PISCITELLI, 2007b, p. 27).

Nestas pesquisas busca-se verificar a logística, bem como as motivações desses homens viajantes e as consequências dessas relações de troca. As interações com homens estrangeiros e as histórias sobre a vida na Europa deixam muitas profissionais do sexo brasileiras desejosas de viver o sonho: trabalhar como prostituta na Europa e lá ganhar fortunas. Assim ocorre a “[...] intensificação da circulação através das fronteiras, com o objetivo de oferecer [...] serviços sexuais” (PISCITELLI, 2005, p. 9). Contudo a mesma autora afirma que “[...] a discussão atual sobre o mercado do sexo [é] marcada por um interesse quase obsessivo com o tráfico de seres humanos com fins de exploração sexual” (PISCITELLI, 2005, p. 9).

O que acontece é que no Brasil não se diferencia “o tráfico de mulheres” da “migração para fins de prostituição”, especialmente porque não há na prática uma fronteira bem delimitada que estabeleça a distinção entre crime contra os Direitos Humanos e agência individual. Rodrigues (2004, p. 156) explica que o ‘tráfico de mulheres’ para fins de prostituição é tratado no artigo 231 do Código Penal

Brasileiro: “Nele se esclarece que o delito inclui a promoção ou facilitação tanto da entrada como da saída de mulher do território nacional, com vistas ao exercício da prostituição.” Deste modo, “[...] o Código Penal Brasileiro, não contempla a possibilidade de que uma pessoa possa realizar a migração voluntária para trabalho sexual e/ou receber auxílio de outro” (TEIXEIRA, 2008, p. 279).

Assim, a definição legal brasileira acaba sendo restrita, pois desconsidera o consentimento válido (CASTILHO, 2008) e acaba criminalizando “[...] algumas estratégias de acionamento de redes sociais que são legitimamente acionadas em contextos fora da prostituição” (TEIXEIRA, 2008, p. 279).

É um dado que há o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual, neste caso no sentido estrito, pois as mulheres não consentem com a prostituição e, em certos casos, nem com a viagem. Também é um dado, quanto às mulheres que migram para fins de prostituição, que “[...] o trabalho, de acordo com os ‘esquemas’ nos quais se inserem, pode envolver maior ou menor grau de exploração” (PISCITELLI, 2007b, p. 721).

Portanto, estas estudiosas não afirmam que as mulheres que se prostituem na Europa ou em outros lugares não sejam traficadas ou exploradas, mas que “[...] é necessário diferenciar as problemáticas, considerando as lógicas dos sujeitos envolvidos” (TEIXEIRA, 2008, p. 280). Além disso, apontam que não levando em conta o consentimento, sequer a possibilidade de esta ser uma decisão que alguém possa tomar sem alguma forma de coação, não se considera a prostituição como trabalho, mas como ofensa à moralidade de modo que criminalizam não o tráfico, mas a conduta moral dessas pessoas consideradas sempre vítimas.

Estes estudos recentes (CASTILHO, 2008; OLIVAR, 2010; PISCITELLI, 2007a,b; TEIXEIRA, 2008) apresentam um novo olhar para a prostituição relativizando a imagem estigmatizada da prostituta e buscando considerar a lógica dos sujeitos. Ainda assim, a bibliografia em Ciências Sociais, mas principalmente do Direito e da Saúde, revista brevemente está “[...] repleta de anedotas sobre as chagas que esperam a infeliz que escolha este caminho” (FONSECA, 1996, p. 7)³ privilegiando lugares como arquivos policiais e hospitais, enfatizando a miséria, a

³ Ver também GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005 e TORRES; DAVIM; COSTA, 1999.

exploração e a infelicidade o que torna relevante os estudos que abordem a prostituição de outro ângulo, além da “vida difícil”.

2.1 Gênero: a questão que perpassa a prostituição

A seguir, não farei uma revisão exaustiva dos estudos de gênero, mas partirei de alguns destes estudos (BUTLER, 2009; HEILBORN; SORJ, 1999; MATOS, 2008; MEYER, 2003; NICHOLSON, 2000; SCOTT, 1990; SEGATO, 1998) para situar minha abordagem sobre as questões de gênero relativas à prostituição.

O gênero como categoria analítica surgiu na década de 80 a partir das feministas norte-americanas que há muito problematizavam a naturalizada sujeição das mulheres. A palavra *gender* passou a ser utilizada para falar das “[...] origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres” (SCOTT, 1990, p. 7). A intenção era enfatizar esta origem social rejeitando a ideia de “[...] uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres” (GROSSI, 1998, p. 4). Deste modo, “[...] a palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (SCOTT, 1990, p.5).

Fundamentalmente o uso do termo é marcado pela intenção de

[...] distinguir e separar o sexo – categoria analítica marcada pela biologia e por uma abordagem essencializante da natureza ancorada no biológico – do gênero, dimensão esta que enfatiza traços de construção histórica, social e, sobretudo política que implicaria análise relacional (MATOS, 2008, p. 336, grifo da autora).

Deste modo o gênero como categoria analítica busca contrapor o discurso que se utiliza do sexismo como forma de discriminação apontando que não há características subjetivas, faculdades, comportamentos ou papéis inerentes aos indivíduos determinados biologicamente, mas por uma construção social. Assim, gênero é uma categoria que fala de relações de oposição e poder “[...] e tem seu ponto de partida na constatação inicial de que ‘mulher’ e ‘homem’ são entidades diferentes, preenchidas com conteúdos variáveis, através das sociedades” (SEGATO, 1998, p. 5).

Gênero é então, “[...] um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais)” (GROSSI, 1998, p. 12), “[...] servindo como categoria de análise para se investigar a construção social do feminino e do masculino” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 11).

Assim, os primeiros estudos de gênero quando tratavam de sexo referiam-se a dois sexos morfológicos “homem” e “mulher”, apenas para tratar da diferença biológica entre “macho” e “fêmea” humanos (GROSSI, 1998; MATOS, 2008; PISCITELLI, 2002) sobre a qual “[...] ‘apoiamos’ nossos significados do que é ser homem ou ser mulher” (GROSSI, 1998, p. 6), constituindo assim o gênero. Deste modo, gênero indica as construções sociais, históricas, políticas e psicológicas (MATOS, 2008; SANTOS; IZUMINO, 2005; SCOTT, 1990) que constroem o biológico em termos de diferença.

Esta definição é baseada na separação radical entre natureza e cultura ou sociedade construída no Ocidente. Ainda que diversos sistemas culturais não admitam essa separação considero que seja possível operar com este raciocínio, pois compreendo, em acordo com Heilborn e Sorj (1999), que o estatuto da natureza nessa explicação é de ordem lógica e não determinismo biológico. Assim, entendo que “[...] acolher a idéia de que existe o dimorfismo sexual da espécie não impede de que se reconheça que o sexo possa ser uma categoria historicamente datada” (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 198). Bem como as diversas “[...] concepções sobre a diferença sexual não abolem o fato de que existe uma diferenciação nos corpos e que ela importa até o presente momento no modo como a humanidade se reproduz” (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 198).

A ideia desta conceitualização é esclarecer que apesar de não haver uma relação direta entre a biologia e aspectos da personalidade e comportamento – o que constituiria em determinismo – os dados da biologia coexistem com estes aspectos (NICHOLSON, 2000; PISCITELLI, 2002).

Contudo Nicholson (2000, p. 10) também lembra-nos que “[...] a sociedade forma não só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo aparece”. De modo que “[...] se o próprio corpo é sempre visto através de uma interpretação social, então o ‘sexo’ não pode ser independente do ‘gênero’”. Nesta mesma linha temos que para Butler (2008, p. 25) o sexo é tão culturalmente construído quanto gênero: “[...] a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de

tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. Assim, é possível compreender que o sexo é tão discursivo e cultural como o gênero e também não é puro domínio natural como se pretende convencionar.

Penso a categoria mulher não dissociada da condição biológica (nem por isso menos discursiva e cultural), pois “[...] o ‘sexo’ não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2000, p. 110). E a categoria de gênero – entendida aqui como “feminino” ou “feminilidade” – como as características entendidas socialmente como naturais para este corpo “biologicamente” marcado. Deste modo, o que podemos chamar de gênero sexual “[...] é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais)” (GROSSI, 1998, p. 12) na qual a mulher deve se comportar de acordo com o feminino e o homem de acordo com o masculino. E não é diferente no que diz respeito às sexualidades⁴.

2.2 Gênero e prostituição

Piscitelli (2005, p. 12) ao analisar a discussão internacional acerca da prostituição sob a perspectiva de gênero distingue as abordagens na primeira e segunda onda do feminismo⁵. Na primeira onda do feminismo, afirma que diferentes posturas quanto ao estatuto legal que a prostituição deveria assumir se articularam e as divisões presentes neste debate foram “[...] alimentadas não apenas pela maneira como diferentes correntes percebem a prostituição, mas, também, a sexualidade”. A autora aponta a consideração de duas visões antagônicas sobre a sexualidade: “Alguns grupos entendiam a sexualidade como o elemento utilizado para objetificar [...], [enquanto] outros grupos entendiam a sexualidade como uma arena de

⁴ Sexualidade: Práticas eróticas humanas, escolha do objeto de desejo, escolhas eróticas (ver GROSSI, 1998; HEILBORN; SORJ, 1999).

⁵ De acordo com MEYER, “a primeira onda aglutina-se, fundamentalmente, em torno do movimento sufragista, com o qual se buscou estender o direito de votar às mulheres e este, no Brasil, começou, praticamente, com a Proclamação da República, em 1890, e acabou quando o direito ao voto foi estendido às mulheres brasileiras, na constituição de 1934, mais de quarenta anos depois” (2003, p.11). A segunda onda do movimento feminista, nos países ocidentais, inscreve-se nos anos 60 e 70 do século XX (MEYER, 2003, p.12) e teve como preocupação o fim da discriminação e a igualdade total entre os sexos.

potencial liberação para as mulheres” (CHAPKIS apud PISCITELLI, 2005, p. 13)⁶. Essas diferenças foram atualizadas no marco da segunda onda do feminismo e tiveram “[...] o efeito da criação de dois campos dicotômicos descritos, de maneira simplista, um como hostil ao sexo [...] e outro que defendia o sexo como fonte de prazer e poder nas vidas das mulheres” (PISCITELLI, 2005, p. 13).

Conseqüentemente, nessas discussões, a profissional do sexo também ocupou posições dicotômicas, sendo entendida, por um lado, como uma escrava sexual e, por outro, como um agente subversivo, símbolo da autonomia sexual das mulheres (PISCITELLI, 2005). Na posição de escrava sexual “[...] a prostituição é vista como caso extremo do exercício abusivo do sexo, portanto, quem oferece serviços sexuais é percebida como inerentemente vítima de violência” (PISCITELLI, 2005, p. 13). Nesta perspectiva, a profissional do sexo é considerada “[...] um objeto sexual, um ser passivo e carente de poder” (PISCITELLI, 2005, p. 13). Enquanto na posição de agente subversivo a profissional do sexo “[...] seria um símbolo da autonomia sexual das mulheres e, como tal, uma ameaça potencial ao controle patriarcal sobre a sexualidade das mulheres” (PISCITELLI, 2005, p. 13).

Posicionando-me em relação a estas perspectivas entendo que as profissionais do sexo, numa sociedade patriarcal, não são desviantes em si mesmas, mas se encontram em “[...] uma relação entre atores (indivíduos, grupos) que acusam outros de estarem descumprindo, com esse comportamento, limites e valores impostos socioculturalmente” (ALVES, 2010, p. 36).

É importante superar as ambivalências e não perder de vista a dimensão relacional da categoria gênero (GREGORI, 1993; SANTOS; IZUMINO, 2005) levando em conta a diversidade dos contextos. Deste modo, observando a essencialização da “[...] violência como atributo da masculinidade” (SARTI; BARBOSA; SUAREZ, 2006, p. 175) e da mulher como vítima circunscrita, “[...] não se pode definir a violência como uma categoria *a priori*, mas configurada segundo as regras do espaço social no qual se manifesta” (SARTI; BARBOSA; SUAREZ, 2006, p. 169). Assim, entendida como ser passivo, a mulher “[...] não é sujeito constituinte de sua situação ou destino, [sendo] vítima, inclusive quando age contra os outros” (GREGORI, 1993, p. 143). Portanto, entendo que reforçar a vitimização é uma forma

⁶ CHAPKIS, Wendy. **Live sex acts**: women performing erotic labour. Londres: Cassell, 1997.

de reproduzir a violência de gênero contra as mulheres, pois “[...] sob um discurso de proteção está presente o não reconhecimento [da possibilidade de as mulheres exercerem] o direito sobre o seu próprio corpo” (CASTILHO, 2008, p. 113).

Este não reconhecimento situa as mulheres na heteronormatividade a partir de características de personalidade e conduta naturalizadas. Grossi (1998) assinala que no final do século XIX, passividade e frieza eram considerados atributos femininos, bem como o prazer da mulher era entendido como perigoso e patológico, enquanto o desejo sexual era uma característica masculina. Estas definições que ligam o sensual ao masculino e o afetivo ao feminino fazem parte do gênero como norma em que as sexualidades das mulheres são claramente delimitadas a partir de “[...] comportamentos femininos ‘naturais’, portanto ideais” (GROSSI, 1998, p. 10).

De acordo com Chauí (1991) a repressão pode ser realizada tanto negativamente quanto positivamente. Na repressão negativa os atributos socialmente definidos para a mulher como um ser frágil, sensível e dependente são “[...] os responsáveis pela excessiva sensualidade feminina e por sua transformação em feiticeira, *mal maléfico*” (CHAUÍ, 1991, p.134, grifo da autora). Mais tarde a repressão torna-se positiva, invertendo o valor desses atributos e eles tornam-se “[...] provas da inocência e bondade naturais da mulher, cuja preservação só pode ser conseguida pela maternidade” (CHAUÍ, 1991, p. 134). E, são “[...] as funções reprodutivas femininas [que] aparecem no cerne da produção da desigualdade sexual” (PISCITELLI, 2002, p. 3). Em uma sociedade de origem judaico-cristã “[...] à mulher só cabia uma função: ser mãe” (DEL PRIORE, 2011, p. 34), sendo esta figura identificada como um ser passivo, atencioso, carinhoso e fiel: a responsável pela felicidade do cônjuge e da família.

Deste modo, o modelo dominante de sexualidade é o masculino e nesse âmbito há a sujeição estrita das sexualidades das mulheres “[...] vistas como meramente reativas” (WEEKS, 2001, p. 41) de modo que

[...] quando voltamos os olhos para o século XIX, [vemos] [...] uma representação da feminilidade na qual as mulheres são assexuadas, frígidas, feitas para a maternidade e não para o sexo, a tal ponto que houve necessidade de médicos e sexólogos para lhes ensinar sexo [...]. Como se a repressão da sexualidade feminina tivesse sido tão bem sucedida que, no ponto final, encontrássemos a negação do ponto inicial (CHAUÍ, 1991, p. 27).

Com isto, o poder disciplinar cumpre sua função na repressão sexual às mulheres: torna seus corpos não apenas dóceis, mas também assexuados. Portanto, “[...] as mulheres são reprimidas pelo fato de serem mulheres – pela sua *womanhood*” (PISCITELLI, 2002, p. 4, grifo da autora).

Se a mulher é reprimida por ser mulher, a mulher prostituta é estigmatizada por ter a sua identidade social “[...] construída a partir da sua condição de transgressora das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade” (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 530). Sendo então representada como desprovida de certas características do gênero feminino e fortemente ligada a características do gênero masculino como a dissociação entre sexo e sentimento amoroso (GASPAR, 1985), além de estar vinculada a “[...] um espaço marginal reservado à continência dos desejos sexuais” (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 533) “biológicos” dos homens que não podem ser saciados pelas “moças de família”: “[...] ao se ligar ao mercado do sexo, ocorre certa ‘invisibilização’ do ser feminino” (RUSSO, 2007, p. 501) e é como se nessa mulher houvesse uma anomalia de gênero, de modo que deixa de ser “[...] merecedora da vivência conjugal, familiar e, sobretudo, da maternidade” (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 531). Além disso, na concepção da mulher como sexo frágil é inadmissível “[...] que a mulher exerça a prostituição por livre e espontânea vontade” (CASTILHO, 2008, p. 121). Portanto, no imaginário social “[...] a prostituição aparece como fortemente determinante de sua inserção social e de sua condição feminina” (RUSSO, 2007, p. 501).

Dado o contexto heteronormativo em que estão situadas estas mulheres é importante citar que os anos 60 constituíram um período que colocou em questão as convenções relativas à sexualidade. Isto devido a fatos como a comercialização da pílula anticoncepcional, o questionamento da virgindade como valor fundamental das mulheres para o casamento e, a disseminação do pensamento no Ocidente de “[...] que o sexo poderia ser fonte de prazer e não apenas destinado à reprodução da espécie humana” (GROSSI, 1998, p. 1). Frente a isto, o movimento feminista e o movimento homossexual foram e são muito importantes, pois segundo Grossi (1998, p. 1), “[...] ambos vão questionar as relações afetivo-sexuais no âmbito das relações íntimas do espaço privado”. Abrindo possibilidade de a prostituta não ser mais estigmatizada quanto a sua identidade individual, ainda que o estigma social

permaneça. Neste sentido, surge um contexto em que se pode admitir a inserção na prostituição como uma escolha profissional não determinante da sua sociabilidade e da sua condição feminina.

2.3 Prostituição como projeto⁷? As possibilidades da contemporaneidade

De forma genérica pode-se afirmar que a modernidade foi construída a partir da valorização da razão, no sentido de capacidade de compreensão e controle do mundo; da ideia de unidade, de igualdade e de indivíduo. Valoriza-se a democracia e nela o indivíduo é cidadão de uma nação, do Estado Nação. Sobre a contemporaneidade, em geral, a literatura parece lidar com o excesso ou a falta de Modernidade, ou bem suas características foram ultrapassadas ou bem não foram plenamente estabelecidas. Ou, como se vivêssemos em um tempo no qual não se volta ao arcaico, mas em uma sinergia com ele, reconstruindo, reinventando.

Na sociedade pós-tradicional⁸ o indivíduo estaria solapado de um contexto estável de existência em que seus interesses poderiam ser definidos “[...] por laços de parentesco, de patronagem, hierarquizantes e tradicionais” (VELHO, 1981, p. 44). Há um processo de “[...] minimização do valor atribuído à ancestralidade”, o que para Hobsbawm é “[...] um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX” (HOBSBAWM apud SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 179)⁹. A vida é marcada pela impessoalidade e a distância (VELHO, 2000) e, ao mesmo tempo, pela globalização aprofundada e a interdependência (DOMINGUES, 2002) dos países. Além disso, na Europa “[...] a crescente importância e autonomização do domínio do econômico já é evidente desde pelo menos o século XII” (VELHO, 1981, p. 47) e atualmente o é em países como o Brasil também.

Anthony Giddens (1997, p. 94) afirma que “[...] nos contextos pós-tradicionais, não temos outra escolha senão decidir como ser e como agir”. Não apenas cobra-se

⁷ Utilizo a definição de *projeto* de Gilberto Velho para pensar esta questão, contudo não irei me deter, nem aqui, nem nos próximos capítulos em realizar uma análise baseada neste conceito. Gilberto Velho (1994, p.40) (apoiado em Alfred Schutz) define *projeto* como “[...] a *conduta organizada para atingir finalidades específicas*” dentro de um “[...] *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para a formulação e implementação de projetos” em que as trajetórias biográficas se dão dentro de um quadro sócio-histórico com as “[...] peculiaridades e singularidades” (VELHO, 1994, p. 40, grifos do autor) do indivíduo.

⁸ Denominação de GIDDENS (1997).

⁹ Hobsbawm, E. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

isto, mas atribui-se ao indivíduo o direito de escolha, sendo esta liberdade extremamente valorizada. Quanto a isto Gilberto Velho (1981, p. 44, grifos do autor) aponta que é necessário ao “[...] *indivíduo sujeito moral* [...] definir e descobrir o *que se quer*”. E o mundo apresenta-se ao indivíduo “[...] aberto a infinitas possibilidades” e na tênue linha entre o possível e o impossível seu projeto pode ser construído “[...] para além dos constrangimentos sociais, não mais determinado pelo passado, mas indeterminado pelo futuro” (SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 181). É a sociedade do risco na qual o único limite, segundo Velho (1994, grifo meu) é o *campo de possibilidades* dado ao indivíduo por seu quadro sócio-histórico.

Outras mudanças são verificadas a partir da existência da contracepção. Graças a este recurso, a sexualidade liberou-se e “[...] o imaginário sexual tornou-se uma gigantesca estratégia de vendas, [de modo que o sexo passou a ser] [...] um poderoso aliado do consumo e do hedonismo” (DEL PRIORE, 2011, p. 236). Conforme aponta Duarte (2004, p. 43-44), “[...] a afirmação de um critério mundano de ‘satisfação’ e ‘prazer’ como justificação da vida humana é um dos traços mais característicos da inflexão moderna da cultura ocidental.” Assim, o corpo inventado no século XX é agora corpo exibido, íntimo e sexuado que lentamente viu “[...] afrouxar as disciplinas do passado em benefício do prazer” (DEL PRIORE, 2011, p. 106).

Com todas as importantes transformações que vem sendo observadas na sociedade contemporânea permanece “[...] a defesa intransigente da igualdade entre homens e mulheres” (SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 179). Ainda assim, esta defesa não foi suficiente para eliminar certas diferenças colocadas e naturalizadas pela heteronormatividade. Salem (2006, p. 424) informa algumas características relativas à sexualidade e a afetividade do homem e da mulher como “[...] em primeiro lugar, uma correspondência entre o masculino/penetração e mulheres/preliminares (ou romance) [...] a inclinação feminina para subordinar o sexo às engrenagens da relação” e não tê-lo como valor em si, ligado a isto, a sexualidade da mulher como a serviço da do homem e, concluindo, “[...] à mulher estão associadas propriedades de *permanência*, *continuidade* e de *sentimento*, ao passo que ao homem correspondem atributos de *impermanência*, *descontinuidade* e *sensação* (SALEM, 2006, p. 426, grifo do autor).” Devido a estes atributos que naturalizam o sentimentalismo e a subjugação ao homem, “[...] a crença na liberdade

de escolha como valor [...] formadora da ideia de indivíduo” (SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 181) permaneceria desigualmente acessível à mulher e ao homem.

Contudo, a partir da invenção da pílula anticoncepcional abre-se culturalmente uma possibilidade para que a maternidade não seja mais um destino, mas “[...] uma questão de livre arbítrio, apoiada na liberdade que a ciência ofereceu” (SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 181). Desde então, a sexualidade da mulher não está mais tão fortemente limitada pela (ou para) a procriação e “[...] mudanças quanto às expectativas de relacionamentos amorosos, casamento, família, em resumo, com relação à esfera mais íntima” (SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 181) são observadas. A maternidade, em certas circunstâncias, passa a ser entendida como projeto e não destino, abrindo portas também para ampliar os papéis sociais da mulher a começar pela esfera do trabalho.

Este sujeito moral mulher, do qual estou falando, não está “solto”, “largado” no mundo com uma liberdade irrestrita. Continua havendo os constrangimentos sociais, mas considero que haja uma margem de manobra para escolhas e alternativas de modo que “[...] de alguma forma, um *sujeito* decide e escolhe um caminho específico” (VELHO, 1981, p. 43, grifo do autor). Não apenas cobra-se do indivíduo que decida seu próprio destino, mas também “[...] toda restrição colocada pelo outro social é repudiada em nome da liberdade de escolha” (SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 181). De modo que fazer suas próprias escolhas e assumi-las como projetos tornou-se menos dolorido na medida da legitimidade do desejo de “[...] livrar-se das repressões sociais e voltar-se para a realização de seus próprios projetos, para suas próprias exigências de prazer e de autorrealização” (SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 181), levando em conta ainda que na contemporaneidade o instantâneo move-nos (DEL PRIORE, 2011).

Dito isto quero ressaltar que introduzo os dados encontrados em minha pesquisa observando que vivemos em um contexto sócio-histórico no qual a afirmação de uma atitude considerada desviante mediante a justificativa de ser uma escolha individual, de busca financeira e de busca por prazer é plena e pode tornar este projeto aceitável ou, pelo menos, respeitável. Se não para todos e em todos os contextos, ao menos para si de forma nada dramática. Isso porque, a liberdade de

escolha, a autonomia econômica, o viver com prazer e não mais ser conduzido pela ancestralidade e seus valores como castidade e estabilidade, tornaram-se valores supremos.

3 O EMPREENDIMENTO É INTERPRETATIVO

Afirma-se que a curiosidade é biograficamente construída e constituída, mas eu não saberia dizer quando e como exatamente minha curiosidade pela prostituição começou. E apesar do tema sempre ter tido presença como uma dúvida antropológica: “Como será que elas se sentem ou se pensam nessa posição de ‘desviantes’?”. Esta pergunta é muito anterior a Antropologia na minha vida. Contudo, o aprofundamento na temática, especialmente pela via de análise da sexualidade (que era o objetivo inicial) reflete a ideia de autoexorcismo a qual se referia DaMatta (1978) ao falar sobre a tendência da antropologia de voltar seu olhar para a própria sociedade do/a pesquisador/a. Neste sentido, Tornquist (2007, p.66) afirma que “[...] o que se deseja é descobrir o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação”.

A etnografia, método por excelência da Antropologia, é uma maneira de construir a interpretação da realidade social a partir do exercício de familiarização e estranhamento (VELHO, 1978). É uma atividade intelectual que combina tarefas metodológicas e conceituais a partir das quais a narrativa será construída. Nesse empreendimento, desenvolver uma narrativa é fundamental. E sim, esta narrativa é uma construção. Uma construção feita a partir de um processo de pesquisa empírica, mas que não pode ser confundida com a realidade. O que se produz não é uma explicação, mas uma interpretação da realidade. E, mais especificamente, segundo Geertz (1989) uma interpretação de interpretações.

Gilberto Velho (2003, p. 16) ao descrever as novas dinâmicas da antropologia contemporânea, especialmente da antropologia urbana aponta a inclusão dos indivíduos como “[...] matéria da antropologia, à medida que eram percebidos como sujeitos de uma ação social constituída a partir de redes de significados”. A partir desta perspectiva, entendo ser importante estudar os indivíduos “[...] como intérpretes de mapas e códigos socioculturais, enfatizando [...] uma visão dinâmica da sociedade e procurando [...] estabelecer pontes entre os níveis micro e macro” (VELHO, 2003, p. 16). E, ainda, ressaltar, que não entendo meu grupo de estudo como objeto. Em acordo com Tornquist (2007, p. 50) entendo que “[...] os antropólogos pensam sobre problemas, questões [de modo que] [...] os objetos da Antropologia são questões e problemas”.

A Antropologia, que é um refletir sobre as práticas e as sociedades humanas tem no seu cerne a fascinante, mas, também complexa, necessidade de uma conexão entre o sujeito que reflete e o sujeito que recolhe os dados. O empreendimento etnográfico é interpretativo e nele se dá o exercício de descrição do outro. Nós, antropólogos, realizamos uma imersão para tentar entender como o outro pensa o mundo: inserimo-nos, dialogamos e produzimos esta interpretação. Contudo, esse processo se torna ainda mais complexo pela ação dos múltiplos constrangimentos políticos e subjetividades que estão acima do controle de qualquer sujeito e, claro, da escritora que vos fala. Neste sentido, este capítulo visa apontar problemáticas, colocar questões em perspectiva e “[...] pensar ‘os outros’ ao mesmo tempo em que se situa e explicita de onde enuncia, se pensa e revela as condições de produção de suas interpretações” (JARDIM, 2010, p. 24).

3.1 Batalhando¹⁰

A metáfora do campo de batalha é utilizada por cientistas sociais para descrever o campo de pesquisa no qual são travadas lutas constantes de valores, vontades, negociações e aprendizados. Um campo de batalha é sempre rico de informações sobre si mesmo e desvenda informações sobre o pesquisador. Não é rico apenas o campo que apresenta dificuldades, mas as dificuldades ou a ausência delas também falam muito sobre ele.

Ao ingressar no mestrado em Ciências Sociais decidi que daria continuidade a pesquisa realizada no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de graduação em Ciências Sociais¹¹, porém com outro enfoque. Ao invés de preocupar-me com as motivações para o ingresso e para seguir na prostituição dessa vez focaria uma dessas motivações identificadas: o prazer. Com isto, decidi pesquisar que prazeres as mulheres prostitutas vivenciam na profissão de prostituta e em que circunstâncias eles aparecem e podem ser ditos. No decorrer da pesquisa novas questões foram trazidas pelo próprio campo e serão abordadas na sequência do texto.

¹⁰ “Batalha” é um termo que, segundo a literatura, muitas profissionais do sexo utilizam para referirem-se ao seu trabalho. Não é, no entanto, utilizado por minhas interlocutoras.

¹¹ MENDONÇA, Sílvia Beatriz. **Profissionais do sexo: motivações e sentidos para a ação na vida cotidiana**. 2010. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2010.

O Trabalho de Conclusão de Curso há pouco apresentado e o aprofundamento na literatura já haviam deixado claro que não seria fácil inserir-me num contexto de prostituição. Estava claro que, enquanto não encontrasse uma “mão amiga” que me ajudasse, eu teria que tentar entrar sozinha. Também por isso a minha delimitação não poderia ser muito rígida, então iniciei minha pesquisa buscando por mulheres que trabalham como prostitutas em Porto Alegre como autônomas, agenciadas, funcionárias de casas especializadas ou trabalhadoras na rua (com ou sem agenciador) e tinha como objetivo realizar observação participante e entrevistas semiestruturadas.

O primeiro passo foi retornar aos *chat's*¹² que havia frequentado para o TCC. Entrei em salas como “casados”, “fetiches”, “elas e elas” com o *nick* “silvinha_poa” e busquei conversar com homens que pudessem me passar o contato de alguma profissional do sexo conhecida deles ou apontar-me uma que estivesse também na sala de bate papo. Neste retorno vivenciei as mesmas dificuldades da pesquisa anterior: ninguém conversava comigo. Recorri então ao Rafael, um jovem frequentador das salas com quem pude conversar profundamente sobre os *chat's* e que se tornou meu auxiliar no tema a partir de conversas rotineiras por MSN¹³ e que já havia me auxiliado muito na primeira pesquisa. No entanto, ele não estava mais disposto a ajudar, pelo menos não gratuitamente... Mas neste momento, ele me deu uma lição importante de pesquisa que eu já havia aprendido em algumas aulas, mas que só a partir de então passou a fazer parte da minha reflexão metodológica. Ele me disse então:

A sociedade se baseia em um sistema de trocas (conversa via MSN, 30/03/2011) (...) então a primeira regra pra qualquer coisa que tu queira de um objeto de pesquisa. A “TROCA” (...) ninguém no mundo vai fazer algo que tu queira sem receber algo em troca certo? (conversa via MSN, 20/05/2011).

Fiquei de fato chocada com as palavras dele. Eu troco com as pessoas, falo sobre mim para elas, o que mais eu deveria dar nesta troca? Então ele continuou:

¹² Chat: em português significa “conversa”, ou “bate-papo”. No caso aqui citado refere-se conversação em sítio web/ Salas de bate papo *on line*.

¹³ Messenger ou MSN: é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation.

Mas tem algo: a troca tem que agradar os dois (...) vc não tem flexibilidade não tem malícia vc não sabe negociar (conversa via MSN, 30/03/2011).

Depois desta conversa as questões sobre o que trocar, o quanto trocar, quais os limites desta troca tencionaram meus pensamentos e o campo várias vezes trazia a mim estas questões, mas até este momento parece não haver respostas ou um “guia prático”. O fato é que então aprendi que o campo é um “[...] contexto permeado pela lógica da reciprocidade [...], o trabalho de campo nos endivida” (TORNQUIST, 2007, p. 46) e não há hora marcada para retribuir a dádiva (BOURDIEU, 1996).

Neste momento, iniciei minha reflexão também sobre a interação sexual no processo de pesquisa e percebi que não é possível que eu fique isenta ou alheia a isto, pois “[...] o falar sobre as práticas sexuais pode, em determinados contextos, assumir um caráter confidencial e a confidência sobre esse assunto poderia, ela mesma, sugerir uma interação sexual” (MACHADO, 2007, p. 167).

A segunda lição que recebi de Rafael naquele dia não precisou de maiores explicações e dizia respeito ao *nick*¹⁴ que eu estava utilizando:

Silvinha?? Que porra de *Nick* é esse? A base de um bom *Nick* eh tu dar algumas informações tipo eu no caso (...) dou 3 informações no *Nick* (conversa via MSN, 20/05/2011).

Se estamos falando de *chat's*, para começar uma interação parte-se do *nick*. “MprocuraGP_poa” (mulher procura garota de programa em Porto Alegre) tornou-se meu novo *Nick*! A partir da mudança virei sucesso no chat: vários homens queriam conversar comigo. Homens interessados em mim, mas nenhuma mulher, nenhuma garota de programa, sequer eram eles garotos de programa. Tudo bem, segui com o objetivo de conversar com homens que pudessem me passar o contato de alguma profissional do sexo conhecida deles ou apontar-me uma que estivesse também na sala de bate papo.

Nesta etapa da pesquisa, as “saídas justas” que enfrentei assemelham-se às de Pelúcio (2007, p. 105) em pesquisa que realizou com travestis. Em sua interação

¹⁴ Apelido solicitado para a entrada na sala. Este aparecerá nas conversas como forma de identificação. Utiliza-se nestas salas o *Nick* para também identificar seus interesses ou suas ofertas.

com homens via MSN e Orkut¹⁵, eles tinham um tipo de atitude que ela optou por chamar de “[...] afirmação da masculinidade predadora”. Da mesma forma como aconteceu com ela, percebi que “[...] por esse caminho, há muito mais possibilidade dos homens me testarem, conferindo de fato a minha história de pesquisadora. Além de testarem sua capacidade de sedução” (PELÚCIO, 2007, p.105).

Havia uma desconfiança permanente quanto a minha identidade de pesquisadora e a sugestão constante de que na verdade eu seria uma garota de programa¹⁶ ou queria ser uma. Nesta interpretação dos meus interesses eu estaria procurando uma mulher que me ‘ensinasse’.

silvinha beatriz: procuro garotas d programa em poa...vc conhece? Safado POA: tu faz programa? (Conversa via MSN, 26/05/2011).

Ricardo: eu posso te pagar.. e depois tranzar com vc.. OLHA QUE COISA FUNDAMENTAL PARA UMA ANTROPOLOGA (Conversa via MSN, 26/05/2011).

Flavio: mas vc pensa em ser uma? ou procura uma?/ quem sabe posso ajudar, pago um pouquinho e vc vê como seria :D (Conversa via MSN, 22/06/2011).

Augusto: vc contrata/ ou vc faz??? ou é pra vc e seu namo (Conversa via MSN, 27/06/2011).

O fato é que nas conversas nos *chat's* eu atraí muito mais homens do que profissionais do sexo. E, ainda por cima, homens que afirmavam não contratar, sequer conhecer mulheres que trabalham como prostitutas.

Gaúcho pegada: mas não curto garotas de programa/ na verdade nunca me relacionei com uma/ so fui saber que era depois/ de ela ter me add (Conversa via MSN, 22/06/2011).

Grisalho49poars: Normalmente eu não chamo essas garotas.../já falei com algumas, mas nunca sai com elas/ mas apenas para ajudá-la...porque realmente não tenho interesse (Conversa via MSN, 24/05/2011).

É importante citar aqui que esta “desconfiança” quanto aos meus objetivos no *chat*, bem como em estar realizando uma pesquisa com garotas de programa

¹⁵ O Orkut é uma rede social virtual.

¹⁶ Nos *chat's* e na internet em geral a nomenclatura usual para “prostituta” é “garota de programa” ou “gp”.

(inicialmente sobre sexualidade) não partia apenas dos homens com que entrei em contato para a realização da pesquisa, mas também de colegas (homens e mulheres) e de outras pessoas com quem convivo. Em artigo sobre sua pesquisa feita a respeito de relacionamentos homoeróticos entre mulheres, Meinerz (2007, p. 129) relata que viveu essa mesma situação de suspeita e a explica baseada na ideia de que na sociedade contemporânea “[...] a sexualidade é um foco privilegiado para a construção da subjetividade [de modo que há] [...] uma intensa ‘vontade de saber’ a verdade sobre a sexualidade dos indivíduos” como um modo de saber a verdade sobre o próprio indivíduo. Deste ponto de vista, “[...] essa vontade de saber se coloca [...] no âmbito acadêmico [...] de forma a colocar sob constante suspeita a sexualidade do pesquisador e também as suas ‘reais’ intenções com a realização da pesquisa” (MEINERZ, 2007, p. 129).

Ainda assim, vez ou outra, eu conseguia algum MSN de uma profissional do sexo ou conseguia uma dica de *site* de agência de profissionais do sexo e aos poucos eu adicionei cerca de 30 mulheres profissionais do sexo no meu MSN. Mas as negativas vinham de todas as formas: elas não queriam nem saber do que tratava a minha pesquisa, simplesmente me diziam “não” (ou nem respondiam) e me bloqueavam.

silvinha beatriz : Oi/ vc eh de porto alegre? **Camila sexy GP**: 120,00 a hr sem anal ou 200 completinho + deslocamento/ endereço / telefone p/ agendar sua hr (Conversa via MSN, 10/06/2011).

Três mulheres foram exceções Aline, Malu e Luana¹⁷. Com a Malu e a Luana conversei uma ou duas vezes. Foram conversas curtas apenas para explicar o que eu queria. Elas me passaram número de telefone ou endereço para que ligasse quando quisesse a entrevista. Fiquei contente, mas percebi que com elas seria difícil fazer observação participante, então aguardei para telefonar-lhes quando fosse fazer entrevistas e a época não consegui contato novamente. Com a Aline conversei muito e sobre muitas coisas. Com ela eu estava realmente alcançando meu objetivo de conhecer, ser conhecida, adquirir e ter confiança para então conhecer-lhe

¹⁷ Todos os nomes apresentados neste trabalho são fictícios ou foram escolhidos pelas participantes da pesquisa para designá-las no texto.

pessoalmente e propor a entrevista. No entanto, no dia marcado para conhecer-nos pessoalmente, Aline disse estar apaixonada por mim e que por isso não queria mais falar comigo, queria “um tempo” de mim.

Acima comentei sobre a interação com os homens no *chat* e sobre ela ser sempre vista como uma possibilidade de interação sexual. Quando ocorreu este fato com a Aline fiquei realmente perdida e questionando-me como isso foi acontecer. O que quero colocar aqui é que na minha interação com os homens, a paquera, ainda que não contribuísse de fato para o meu objetivo, estava para mim naturalizada. Já na minha interação com as mulheres, sequer havia levantado esta hipótese o que explica o meu “susto” quando “de repente” uma possível entrevistada estava se afastando de mim por um interesse afetivo-sexual que talvez estivesse presente desde o início de nossa interação só que não percebi.

Indo além, esta questão retoma o já referido autoexorcismo de DaMatta (1978). Neste momento da pesquisa a questão não era a diversidade sexual e a possibilidade de eu encontrar garotas de programa que tivessem práticas homoeróticas, mas evidenciava minha adesão à norma de gênero. A possibilidade de uma mulher (ligada no imaginário social, e também no meu, à feminilidade) adquirir e demonstrar um interesse afetivo-sexual em meio a uma interação que se dava em função de uma pesquisa (atitude esta já “esperada” de um homem) não estava dada para mim, bem como, até então, eu não contava com a possibilidade de ser objeto de desejo de mulheres.

Eu estava sem rumo para a pesquisa quando então decidi ir até o Núcleo de Estudo da Prostituição (NEP), “[...] uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que atua junto às mulheres prostitutas, no exercício da cidadania e na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis”¹⁸. Esta organização faz reuniões periódicas e intervenções na rua e em salas com prostitutas. Pensei que este poderia ser um espaço rico para a minha inserção e, finalmente, contato com as profissionais do sexo. Contudo, ao chegar lá não fui bem recebida pela presidenta que ironizou do fato de eu fazer pesquisa com mulheres que trabalham via internet, de ter entrevistado apenas duas mulheres em meu trabalho de conclusão... Ela argumentou que já havia muitas pessoas pesquisando lá e pediu então que eu

¹⁸ Texto retirado do panfleto informativo do próprio NEP.

enviasse meus trabalhos para o e-mail, explicasse no e-mail o que eu queria para que ela pudesse ver “o que podemos fazer por ti”. Fiz o que ela pediu, mas nunca obtive resposta¹⁹.

Pouco tempo depois desta minha visita ao NEP, Lins, uma colega de curso que é transgênero e que acompanhava um grupo de transexuais e transgêneros no mesmo prédio do NEP comentou comigo sobre um grupo de profissionais do sexo que se reunia lá e disse que iria ver com elas se poderiam me receber. Eu suspeitei que pudesse ser o NEP, mas como ela não sabia o nome do grupo, aguardei otimista. Ela foi então ao NEP, comentou sobre a minha pesquisa e teria sido super bem recebida pela presidenta que inclusive achou que ela faria a pesquisa e abriu todas as portas dizendo para eu entrar em contato. Fiquei impressionada ao perceber que a negativa que recebi da organização não era uma negativa devido a “muitos pesquisadores aqui” era uma negativa a minha pessoa ou a algo que eu representava para ela que a minha colega talvez não representasse.

Percebi o quanto a minha identidade social (minha idade, cor, escolha profissional, universidade), poderia dificultar, qualquer identificação entre eu e as profissionais do sexo. Inicialmente fiquei muito chateada e, porque não, triste. Contudo, foi uma ocasião para aprender que

[...] as oportunidades e os espaços que se abrem ao antropólogo durante o processo de pesquisa são mediados pela interação de todos os marcadores de sua identidade, tal como são lidos pelos nativos, com os eventos e atores com os quais se depara, além de serem constrangidos por uma série de contingências ambientais e históricas (SILVA, 2007, p. 230).

E acatei a sugestão de Schuch (2010, p. 36) de

[...] encarar as tensões e poder entendê-las como parte do trabalho antropológico em suas dimensões epistemológicas e analíticas, ou seja, as tensões como fontes de conhecimento acerca de grupos e instituições que estudamos e as tensões como instrumentos de conhecimento sobre o exercício da antropologia e seus limites. Em suma, acredito que as tensões podem ser vistas como uma agência para o conhecimento.

¹⁹ É importante citar que cerca de um ano depois (março/2012) retornei ao NEP por indicação de uma das voluntárias que lá atuavam e apesar de então ter tido outra acolhida optei por não incorporá-lo ao meu campo de pesquisa.

3.2 Observação participante em um salão de beleza

Enquanto isso, minha colega Lins, continuava solidária com a minha causa e seguimos conversando sobre outras possibilidades para minha inserção em campo. Um dia ela comentou sobre um salão de beleza perto da sua casa. Disse que teria falado para a dona do salão sobre a minha pesquisa e esta teria dito que ali seria um lugar bom para eu fazer minhas observações devido à presença constante de garotas de programa mulheres e travestis²⁰. Sem demora, Lins contou-me o fato e com a mesma rapidez marcamos um dia para irmos até lá. Desta forma, a minha inserção em campo repetiu o que é comum na situação de pesquisar na própria cidade: chegamos ao campo com ajuda de conhecidos e nos valemos da nossa “[...] rede de relações previamente existente e anterior à investigação” (VELHO, 2003, p. 12).

O salão de beleza situa-se em uma área da cidade conhecida como sendo “de prostituição”. Nesta região há não apenas prostituição de rua e de travestis (pela qual é mais conhecida), mas também várias casas do ramo em uma rua principal e em outras paralelas. Também conta com hotéis que podem, ou não, ser usados pelas garotas de programa. Apesar de no imaginário da cidade esta região estar marcada pela prostituição como se acontecesse 24h por dia e em todos os cantos, durante o dia, nem as casas estão abertas, nem a prostituição de rua é tão ostensiva. A partir do entardecer é que se vê a presença de mulheres e travestis na rua, o maior movimento acontecendo na madrugada. Cabe citar que há nesta rua uma organização rígida e a ocupação do espaço não acontece de forma deliberada, havendo inclusive quadras demarcadas para mulheres e para travestis, separadamente.

Essas características do local, especialmente as que marcam o imaginário da cidade, fazem com que ele seja semelhante ao local de pesquisa de Pelúcio (2007, p. 96) quando aponta que na região que frequentava havia “[...] demarcações claras de espaço: disputa por pontos comerciais, seja de drogas ou de negócios sexuais.” Contudo, no período e horário que frequentei o salão de beleza, não me deparei com nenhuma situação temerosa ou problemática neste sentido. Nesta região

²⁰ No decorrer do texto não haverá distinção da minha interação com mulheres ou travestis, pois entendo que nos contextos citados esta questão identitária não é crucial.

também circulam ônibus que vão para a zona norte da cidade e para a região metropolitana. Além disso, como já citei, a prostituição não acontece 24 horas por dia e outros serviços cercam a região: oficinas, postos de gasolina, hotéis, revendas de automóveis, igrejas, entre outros. Em geral, são lugares ocupados por homens.

Neste sentido último, sofri o constrangimento dos olhares. Se dentro do salão, como veremos, eu parecia “invisível” ou percebida como garota de programa; fora dele provavelmente eu perdia esta capa “protetora” pela dúvida. Ali eu era uma estranha e, como em uma região reconhecida como zona de prostituição na cidade, talvez as pessoas pensassem “carne nova?”. A minha roupa, o meu óculos de grau, o meu “all star” mostrava que eu não pertencia ao pedaço, mas os olhares indicavam que talvez eu pudesse pertencer.

Retomando a descrição de Pelúcio (2007, p. 105) quanto a regiões como esta, a autora aponta que “[...] há uma expectativa, uma imagem pré-fixada pelas pessoas que lá vivem e circulam em relação ao que esperam das mulheres que se achegam dos [...] [lugares] tidos como socialmente deteriorados, noturnos, boêmios, enfim, marginais.” Isto em vista lembra-me de uma conversa não registrada no diário de campo em que a dona do salão Dani dizia que “mulher na (nome da rua em que se situa o salão) - é puta”. Mas aqueles olhares constrangedores diminuíram com o tempo.

Chegamos. Lá estavam a Dani (dona do salão e cabeleireira), uma cliente e Camila, a manicure. A Lins cumprimenta a Dani e esta me cumprimenta como se fossemos todas velhas amigas. Logo me surpreendeu a simpatia e a receptividade da Dani. A Lins foi ao banheiro e eu fiquei ali, sentada no sofá sem grandes pretensões na ausência da minha “mão amiga”. Mas ali eu era a interessada e o meu interesse já era conhecido, de modo que não seria possível ficar em silêncio por muito tempo. Sem medo de me intimidar Dani me convidou a falar. Senti-me envergonhada de estar ali para buscar inserção e possibilidade de fazer observação participante e ter ficado muda. Com a convocação feita segui a sugestão da minha orientadora de buscar saber primeiro o que ela já sabia sobre a pesquisa. Mas definitivamente a Dani queria ouvir de mim e me perguntou o que exatamente eu gostaria de fazer no salão, pois para poder me ajudar e abrir o espaço era necessário que ela soubesse.

Expliquei que vi no salão um espaço onde eu poderia fazer observações que ajudariam no trabalho e que precisaria frequentá-lo uma ou duas vezes por semana. Seria um ambiente para me aproximar das garotas de programa, de ter certa convivência, conversar informalmente, criar uma relação de confiança. Posteriormente às observações, se necessário, eu faria algumas entrevistas visando aprofundar questões específicas. Ela me disse que primeiro iria conversar com as garotas que frequentam o salão para ver se elas se incomodariam com a minha presença, repetiu que ela queria me ajudar, queria abrir o espaço, mas que a prioridade dela são as garotas. O que me pareceu muito justo.

O salão é dividido em seis espaços (Figura 1). Entramos na sala principal onde as pessoas são recebidas, onde ocorre o agendamento de serviços e a espera pelos mesmos, bem como onde penteados, cortes e pinturas de cabelo são feitos. Em frente à porta de entrada há uma passagem para um corredor onde fica o lavatório e dá acesso a sala de massagens e a sala do bronzeamento artificial. Em frente à direita há uma passagem para um espaço usado como cozinha e para o banheiro (conforme desenho a seguir). Em geral eu entrava no salão cumprimentava a Dani e a Camila, às vezes dava um “oi coletivo” me sentava na sala principal onde há *puffs* e sofás e ficava ali observando, fingindo ler as revistas e vez ou outra anotando alguma fala em meu celular.

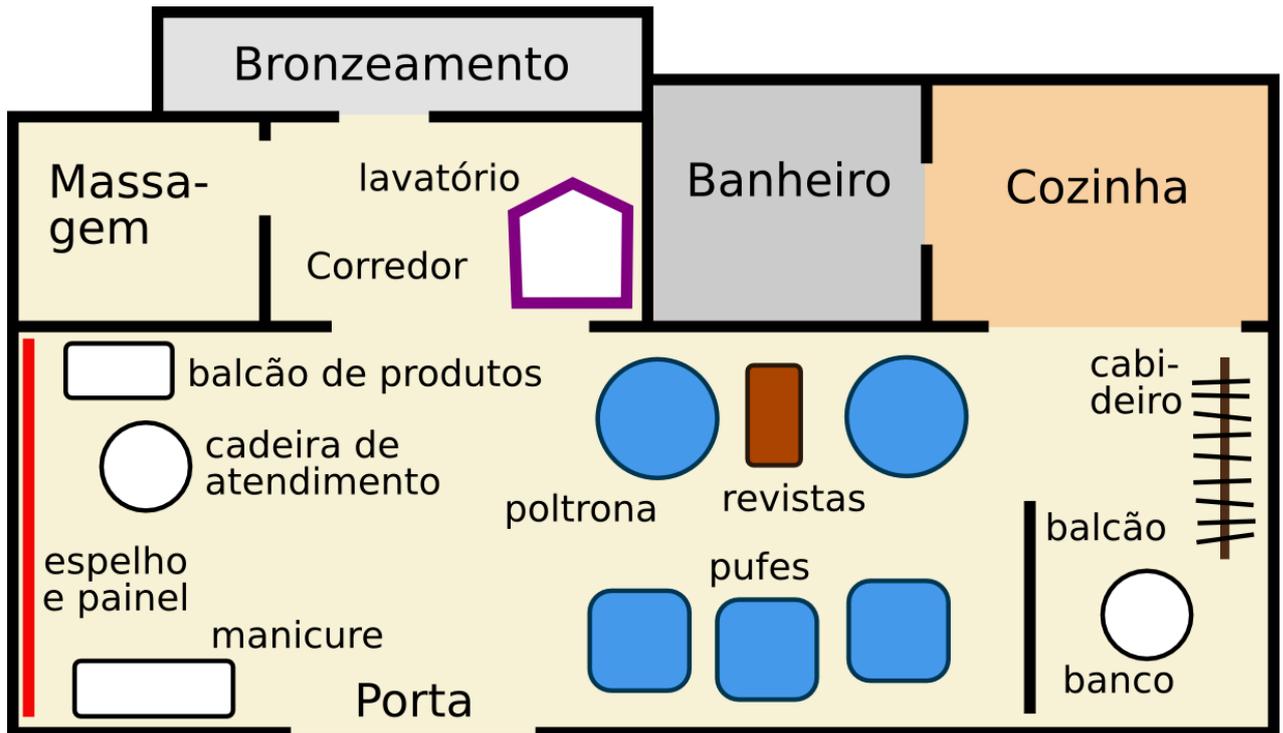


Figura 1 – Ilustração da planta do salão.

Realizei as observações no salão de beleza entre outubro e dezembro de 2011 e nos meses de janeiro a março e maio a julho de 2012, com frequência de uma ou duas vezes por semana, permanecendo lá entre duas e 3 horas. Iniciei as observações e contatos via internet em abril de 2011 e encerrei para fins da pesquisa em agosto de 2012. Neste período nunca ficou claro se a Dani realmente conversou com as mulheres para autorizar a minha frequência ao salão. Esta incerteza teve como consequência certo constrangimento da minha parte que me impediu de interagir com mais frequência e espontaneidade por achar que elas não sabiam que eu estava fazendo uma pesquisa, isso em função do receio de ocorrer uma situação em que minha identidade fosse declarada, o que poderia prejudicar a Dani. Entendo que esta situação se deve a minha inexperiência em lidar com o papel de pesquisadora/observadora, mas também ao fato de minhas conversas com a Dani sobre a pesquisa serem sempre no salão em meio ao trabalho e ao movimento, o que dificultou esclarecer alguns aspectos importantes como a omissão ou não da minha identidade. Mas, por outro lado, ela me disse que se me perguntassem quem eu era eu poderia falar então, talvez eu tenha tido um medo exagerado de prejudicá-la. Ao mesmo tempo esta falta de clareza quanto ao fato de

ter havido, ou não, um aviso formal de que eu estaria ali fazendo uma pesquisa deixou-me com a impressão de não ter havido. E neste caso sobressaiu-se a ambiguidade da relação que havia entre nós (eu e a Dani, eu e as clientes) ali no salão, mas também em relação entre eu e o grupo social que eu estava adentrando, quer dizer: éramos iguais ou éramos diferentes? Ou, quando éramos iguais e quando éramos diferentes?

Estas questões surgiram logo no primeiro dia, quando após um momento de silêncio em meio aos combinados para a realização das observações a Dani pede que eu me prepare e não me assuste, pois elas “não têm pudores” e “falam muita bobagem”, [...] então a Lins disse “ela também fala”. Eis talvez o que seria o papel do informante, o mediador, aquele que apresenta as partes e o faz como tendo algo, seja lá o que for, em comum. Não sei se o efeito foi esse ou se chegará a ser, mas foi como se ela dissesse “ela não é tão diferente de nós”. A Dani então voltou a pedir especificações e a questão agora era sobre o que eu quero tratar e me avisou que eu não encontraria nada de muito anormal ali (agora é como se a Dani dissesse: elas não são tão diferentes de você ou de todo mundo).

Nossa identidade é definida em relação ao “outro” e durante o trabalho de campo há um processo de redefinição das identidades de um em relação ao outro, no sentido de interagir, mas também de se situar. Isso porque “[...] por mais que existam certas condições sociais dadas, é no imponderável da própria interação que se constroem, se testam e se confirmam identidades” (KUSCHNIR, 2003, p. 38).

Deste modo, ainda que eu e o grupo com que estava convivendo moremos na mesma cidade e façamos parte da mesma sociedade compartilhando alguns valores “[...] por fazermos parte de ‘grupos’ diferentes temos valores, visões de mundo e estilos de vida diferenciados” (PICCOLO, 2003, p. 60) que buscam ser afirmados e reconhecidos durante a interação.

Esta questão aparecia de forma recorrente pelo fato de ao mesmo tempo em que minha presença não era questionada (talvez fosse ignorada?) por vezes observei que temas ou tons de conversa foram mudados pela minha presença ou eram “conversados” separadamente. Em geral, a Dani e a Camila davam-me a sensação de fazer parte do ambiente, como se eu fosse uma funcionária do salão a qual cabe sentar ali e ver e ouvir o que acontece e não necessariamente interagir. A verdade é que por vezes eu senti que minha posição de observadora parecia ser

caracterizada “[...] por uma espécie de aparente diluição da clivagem entre observador e observado” (FRADIQUE, 2003, p. 113).

Entretanto, nunca acreditei que isso fosse possível. Certa vez, depois de duas pacatas horas observação, tentando interagir com a única cliente que esteve ali, a Marcela, para lavar seu cabelo natural, sua peruca e escovar ambos, ela virou-se para a Dani e perguntou “ela é de onde?”. Ela poderia ter perguntado a mim, pois eu estava ali, afinal. Dani respondeu-lhe que eu era uma amiga sua e isso foi o bastante para Marcela, que mau me olhava nas vezes em que nos cruzamos, passar a conversar comigo. A questão aqui é que o fato de Marcela ter-me “ignorado” demonstrou que obviamente havia fronteiras muito claras ali e que talvez eu não estivesse reconhecendo.

Outra situação comum era a de uma conversa ser interrompida ou dita em outro tom quando notada a minha presença. Para exemplificar citarei dois trechos do meu diário de campo:

Houve um momento de conversa mais contínua quando a Raquel começou a contar pra Dani sobre sua viagem pra Serra. Eu estava de cabeça baixa olhando uma revista, ela contava que esteve lá que estava muito frio, foi bom e que um cara quis comê-la na frente do cemitério, quando ouvi isso levantei a cabeça e notei um constrangimento, a Raquel olhou pra mim, sorriu timidamente, ficou vermelha, e meio que parou de falar, eu sorri pra ela, (talvez aqui a Dani tenha feito algum sinal pra ela de que poderia falar), ela retomou do início, voltei a olhar a revista, disfarcei e assim segui até o fim da história olhando pra ela, pras pessoas, pra Dani, pra revista. (Diário de campo, 19/01/2012)

Marcou muito um momento em que a Silvana começou a falar sobre as mulheres que lavam suas partes íntimas na pia do banheiro do (nome de uma conhecida casa de prostituição) Eu estava passando os olhos por uma revista e levantei a cabeça repentinamente para olhar para quem tava falando. Imediatamente ela parou de falar e me fitou também, eu sorri, ela olhou pra Dani e a Dani disse-lhe “pode falar a Silvia já tá acostumada com essas coisas”. Senti-me mal por ter causado este constrangimento, tantas vezes eu tivera o cuidado de levantar a cabeça devagar, de olhar para todos os lados, mas de certa forma foi importante obter esta fala da Dani, pois o fato de as mulheres não perguntarem nada sobre a minha presença, quem eu sou, de onde venho, onde trabalho, causa-

me certa curiosidade e esta fala da Dani indicou-me que elas sabem que eu sou alguém “de fora”, dizer que eu já estou acostumada, é como dizer que sim, eu vim de fora, mas que já estou adaptada, mas principalmente que sim, eu vim de fora. Com o aval da Dani Silvana continuou contando e eu ouvindo. (Diário de campo, 31/01/2012).

Outras situações emblemáticas aconteceram durante as entrevistas quando comparavam seus estilos de vida com o meu, ou os homens com que saio e seus clientes. Dentre estas situações está a descoberta do uso do termo “civil” entre as garotas de programa que trabalham via internet para se referir às mulheres que não são garotas de programa.

Entretanto, durante quase todo o período de observações tive a sensação de que não só a Dani, a Camila e a Carla (massagista), mas também as mulheres que frequentavam o salão viam-me como fazendo parte do ambiente sem nenhum estranhamento. As situações relatadas acima e uma conversa que tive com a Dani sugerem-me que a minha presença fosse comentada em outros momentos de sociabilidade daquelas mulheres:

Aproveitei que ficamos só eu e a Dani para perguntar-lhe se alguma das meninas já havia perguntado algo sobre mim, ela disse que lembrava de uma, a Débora e que ela “dei a real né disse que tu tá fazendo um trabalho de pós graduação sobre o comportamento das prostitutas” “elas te tiram pra garota de programa”, comentou que as mulheres “que passam por aqui de vez em quando, não vem sempre te tiram pra garota de programa, mas as outras que vem sempre aqui sabem o que tu tá fazendo”. (Diário de campo, 08/02/2012).

Sobre os iniciantes em geral Jardim (2010) fala sobre a convicção do “dever ser” e o desejo de ser invisível no trabalho de campo. Minha convicção era oposta e incomodava-me a sensação de invisibilidade. Contudo, apesar da aparência, considerando que a grande maioria daquelas mulheres que frequentam o salão trabalham na mesma casa ou nos arredores, de modo que se conhecem e mantêm contato contínuo fora do salão, com o tempo ficou claro “[...] que eu ali era uma *outsider*” (NORONHA, 2007, p. 196).

Era. E não apenas por não ser uma garota de programa, mas porque salão de beleza e estética não está na lista dos lugares mais frequentados por mim. A

estética era assunto de primeira urgência, tratamentos de cabelo, pele, bronzamento e cirurgias. Com isto novas questões surgiram em minha mente e em minhas leituras, enquanto outras, formuladas antes da frequência ao campo, afastavam-se. O prazer continuava sendo alvo de meu interesse e ele apareceu, no campo, na forma de um prazer cotidiano, contrário ao desgosto e a infelicidade tida como dado na vida de uma prostituta pela literatura e pelo imaginário social. Mas a discussão sobre sexualidade foi aos poucos se dissipando e tomou forma, não ainda uma discussão, mas um questionamento sobre estes corpos. Sobre a forma como são entendidos, construídos e reconstruídos.

3.3 Descobrimo perguntas, perseguindo respostas

Entendo que “[...] o acatamento da(s) verdade(s) com as quais os sujeitos da pesquisa orientam suas próprias vidas e suas visões de mundo” (MOREIRA, 2009, p. 31) auxilia-nos a reconhecer a identidade que construíram para si mesmos como indivíduos. Portanto, como nos *chat's* e na internet em geral a nomenclatura usual para “prostituta” é “garota de programa” ou “gp”, a partir daqui utilizarei somente o termo êmico para me referir às minhas interlocutoras.

Defini o roteiro de entrevista com a minha orientadora e no início de março eu começaria entrevistando a Dani, a Camila e a Carla e logo depois o “recrutamento” de voluntárias para participarem da pesquisa. Contudo entre uma semana e outra uma torção no tornozelo me impediu de voltar ao salão por pouco mais de dois meses. Neste período mandei algumas mensagens via *Facebook*²¹ para Dani e Camila, avisando da situação e, também, perguntando se ainda estavam de portas abertas pra mim, mas, como já havia acontecido outras vezes, não obtive respostas. Neste período também mantive contato com três garotas de programa que divulgam seu trabalho e conquistam seus clientes via internet.

Em maio de 2012 retornei ao salão e quem abre a porta será minha primeira entrevistada: Marielly. Eu já havia visto a Marielly algumas poucas vezes ali, mas tão

²¹ O *Facebook* é uma rede social virtual.

poucas que ela sequer estava na minha lista²². Conversei com a Dani sobre esta nova fase da pesquisa e passei para ela a lista solicitando que apontasse as mulheres que eu poderia abordar para convidar a me conceder entrevista. Também que ela me ajudasse nesta abordagem. Ela conversa então com a Marielly, explicamos a temática da pesquisa, explico como seria a entrevista e ela aceita participar. A entrevista teria sido feita na mesma hora se eu estivesse preparada, mas não estava, então marcamos para alguns dias depois. No dia marcado a Marielly não apareceu, mas na semana seguinte fui novamente ao salão, novamente ela me abriu a porta e fizemos a entrevista naquele dia mesmo.

Foi através do *Twitter*²³ que eu conheci a Paolla, a Fernanda e a Cristina. A Paolla eu não “seguir” por muito tempo, adicionei-a no *Facebook* em agosto/2011 e tentei contato via esta rede, mas não obtive sucesso. Em março enviei-lhe uma mensagem no *Facebook* falando sobre a pesquisa e meu interesse em conversar com ela. A resposta veio cerca de um mês depois e ela já se prontificava a colaborar com a pesquisa. Com isto resolvi voltar a “seguir-la” no *Twitter* para tentar dar sequencia a abordagem. Ela não respondia as minhas tentativas de interação, nem às mensagens até que um “seguidor” em comum perguntou-me como estava nossa relação, eu disse que não estava conseguindo contato e ele se prontificou a conversar com ela. Algo simples, ele apenas avisou-a que eu estava tentando falar com ela, ela então me procurou e começamos a trocar algumas mensagens via *Facebook* tentando agendar um horário para a entrevista. Telefonemas não atendidos, mensagens não respondidas, encontros desmarcados e finalmente no dia 16 de junho nos encontramos para um café e para a entrevista ocorrida entre um cliente e outro. Cerca de uma hora e meia de conversa foi pouco, mal saímos do primeiro tópico do roteiro! Contudo não consegui marcar um novo encontro.

A interação com a Fernanda e a Cristina foi via *Twitter*. Foi com a Cristina que comecei a interagir primeiro, a partir dela conheci a Fernanda que é sua amiga e outras garotas. Desde março de 2012 trocamos vários comentários sobre inúmeros

²² No planejamento para iniciar as entrevistas fiz uma lista com o nome de todas as mulheres que apareciam no meu diário de campo, muitas não foram para a lista por eu não saber ou lembrar o nome.

²³ *Twitter* é uma rede social que parte da pergunta “o que está acontecendo?”. É um microblog em que se tem o espaço de 140 caracteres com espaços para responder àquela questão, escrever o que desejar, transmitir notícias, compartilhar fotos, etc. Nesta rede você “segue” as pessoas de quem deseja receber as informações e é seguido por aquelas que desejam receber suas informações.

assuntos durante todo dia e todos os dias. Inicialmente apenas eu “seguia” a ambas, com o tempo elas se tornaram minhas “seguidoras”. Deste modo, estas mulheres sabem tanto sobre mim quanto eu sobre elas, minhas alegrias, tristezas, dilemas, comentários sobre o campo e a temática, enfim tudo o que eu coloco na minha página elas veem, o que torna nossa relação um pouco mais próxima. Quando em abril convidei-as para participar da pesquisa Cristina negou imediatamente e Fernanda disse que poderia participar, mas que preferia que a conversa fosse por MSN. Combinei pensar sobre esta possibilidade e pedi que ela pensasse melhor a respeito de nos encontrarmos. Com o tempo e as interações Cristina mudou de ideia e em meados de abril concordou em participar da pesquisa. No dia 27 de maio de 2012 devido a um interesse em comum, nos encontramos na Marcha das Vadias²⁴, caminhamos juntas o trecho final da marcha e depois fomos tomar um café. Neste dia eu preferi ter aquele encontro apenas para conversarmos e nos conhecermos, imaginando que a partir daí seria fácil marcarmos um segundo encontro para entrevista. Grande engano. Enganei-me também ao pensar que a partir da conversa com Cristina eu poderia ter mais chances de uma entrevista com a Fernanda. Na verdade, depois deste encontro as duas estavam dispostas a participar da pesquisa, mas com a Fernanda não consegui marcar a entrevista.

Passei um longo período tentando agendar as entrevistas com Cristina, Fernanda e Paolla que tem na internet seu espaço de conquista de clientes ou patrocinadores como, carinhosamente, as duas primeiras os chamam. E também com Celi e Cátia, duas mulheres que frequentam o salão e que haviam manifestado disposição para participar da pesquisa. E com Deise que também frequenta o salão, mas com quem não consegui conversar pessoalmente a respeito. Entre outras, tanto que conheci no salão, como que conheci via internet. Tentando e não conseguindo.

Dentre as quatro entrevistas realizadas três foram com garotas que anunciam seu trabalho via internet e uma foi com uma garota que atende em uma das três maiores casas de prostituição da cidade e que conheci no salão de beleza onde realizei as observações. Dos locais de entrevista duas delas foram realizadas na própria casa da interlocutora e duas em um movimentado shopping da cidade.

²⁴ A Marcha das Vadias (em inglês: *SlutWalk*) é um movimento pelo fim da violência de gênero e da culpabilização das vítimas de violência sexual que surgiu em Toronto, no Canadá, em abril de 2011, e desde então se internacionalizou, tendo sido realizado em diversas partes do mundo.

Definitivamente houve dificuldade. Em conseguir um local de campo. Em conseguir conversar (qualquer assunto que fosse). Em conseguir pessoas dispostas a participar da pesquisa. Em conseguir agendar as entrevistas. Estas dificuldades falam muito sobre o grupo social em que eu estava adentrando. Um grupo historicamente excluído e estigmatizado. Que sofre com a desconfiança e desconfia para proteger-se. Um grupo que aponta como sendo uma das piores experiências de trabalhar como garota de programa o fato de ter que estar “sempre se escondendo”. Mas que também aponta ganhos simbólicos advindos da prostituição e transformações em seus corpos e cotidianos ocorridas devido ao cotidiano da ocupação. Nas linhas a seguir, antes de retornar ao salão de beleza, apresentarei alguns desses aspectos da identidade das garotas de programa entrevistadas relacionando-os com aspectos apresentados por outros pesquisadores contemporâneos.

4 NEM SÓ MÃE, NEM SÓ PUTA: CONTEXTOS E IDENTIDADES

Marielly tem 33 anos, sua origem é de classe média, sua profissão é técnica de enfermagem, mas atua apenas como garota de programa há cerca de 10 anos. Tem uma filha, que não mora com ela, mas com o seu pai. É solteira e considera-se heterossexual. Ela trabalha em uma das três mais famosas casas de prostituição da cidade e afirma ter um rendimento médio mensal de R\$ 4.000,00. Ela tem um jeito simples de ser e de vestir. Em geral, aparecia no salão de calça jeans, blusinha, chinelos e alguma bolsa de grife; durante a semana mora em uma pensão próxima da região para ficar perto do trabalho, mas aluga um apartamento em um bairro de classe média para onde vai aos finais de semana.

Paolla tem 28 anos, tem uma filha, é solteira e considera-se heterossexual. Sua origem é de classe média, tem curso superior incompleto e atua como garota de programa há cerca de 6 anos. Ela mora em uma cidade da região metropolitana, mas atende em Porto Alegre. Foi uma das primeiras garotas de programa que descobri na internet. Foi via *Twitter*, fui atrás e descobri que ela era uma GP assumida, das que mostram o rosto. Seu rosto pareceu um pouco diferente das fotos, uma cicatriz bem em cima do nariz indica uma cirurgia recente, talvez por isso a diferença. Ela anuncia seu trabalho via internet e afirma ter um rendimento médio mensal de R\$ 10.000,00. Paolla tem longos cabelos negros é uma mulher que não passa despercebida, não apenas pela beleza, mas por seu estilo extravagante, diferente da maioria das mulheres que conheci/entrevistei.

Cristina tem 38 anos, mora num bairro de classe média alta em Porto Alegre tem dois filhos e uma filha, considera-se heterossexual e seu marido é professor e coordenador de departamento em uma universidade da cidade. Sua origem é de classe média, não concluiu o ensino médio e atua como garota de programa há cerca de 3 anos. Mas seu envolvimento com a área entre trabalhar como garota de programa e como agenciadora já dura mais de dez anos. Ela anuncia seu trabalho via internet e afirma ter um rendimento médio mensal de R\$ 8.000,00. Cristina também não passa despercebida, é bonita e tem um estilo extravagante, sempre de salto.

Gabriela. Ela tem um jeito de ser (e de vestir) semelhante ao de Marielly, talvez porque as duas vieram do interior do estado. Ela anuncia seu trabalho via

internet e afirma ter um rendimento médio mensal de R\$ 8.000,00. Sua origem é de classe média alta, tem curso superior incompleto e atua como garota de programa há cerca de 6 anos. Gabriela tem 29 anos, tem um filho e uma filha, é solteira e considera-se bissexual.

4.1 Dinheiro sim, problema não: características dos clientes

Trabalhar em uma casa ou como autônoma anunciando via internet tem, entre estas mulheres, uma consequência básica: a diferença de rendimento. Esta é efeito não só do valor em si do programa, mas do fato de receber o valor integral do mesmo ou ter que deixar um percentual para a casa. Há também a diferença quanto aos horários de trabalho: Marielly, que atua em uma casa trabalha (em geral) entre 21h e 5h, enquanto que Paolla, Cristina e Gabriela atendem (em geral) das 9h à 0h. É importante citar que seus horários de trabalho incidem na sua vida social e também nos tipos de clientes que atendem:

Paolla: [...] não atendo muito tarde porque qual o perfil do homem que chama alguém tarde da noite? Ele, na maioria das vezes, ele não tem nada a perder, ele não tem uma esposa, ou ele tem e ela tá muito longe, ele não tem medo de escândalo, ele não tem, então eu procuro um perfil de cliente que eu sei que ele, ele tem, eu não vou dizer medo, mas que ele tenha tanto cuidado comigo como eu tenho com ele, com o que eu possa fazer a ele então esse tipo de pessoa assim que eu topo que é a pessoa que só quer um momento agradável no meio do dia, no meio da jornada de trabalho, quer voltar pra casa sem stress e não quer um rolo emocional posterior, nem escândalo, nem uma situação difícil pra ele ter que administrar em casa depois ele só quer um atalho pra ter uma bela mulher, num belo momento ali pra fazer uma coisa diferente, não quer confusão pra vida dele e pronto.

Gabriela: os clientes da Bruna já são bem diferentes dos meus, o cachê dela é um pouco mais baixo que o meu.

Gabriela: os meus clientes hoje são donos de empresa, são tipo, o engenheiro de uma grande rede de supermercados sai comigo, donos de empresas grandes, o cara que compra esses terrenos grandes redes de supermercados sai comigo, tipo assim são homens que lidam com milhões entendeu, não é qualquer pé rapado.

As descrições dadas por Paolla e Gabriela são exemplares de outras que li ou ouvi enfatizando a preferência por homens que sejam casados, pois estes evitam envolvimento emocional e confusões. As falas apontam para uma questão descrita por Freitas (1985, p. 46) no sentido de que as garotas de programa atuam conscientes de que “[...] se o exercício da prostituição é uma prática imoral, a demanda por serviços de uma prostituta pode, dependendo do *status* moral do cliente, implicar em um custo moral bastante elevado para ele”. O que se reverte em algo positivo para elas, pois colocam muitos que demandam serviços de prostitutas em posição de “[...] se verem submissos às regras de convívio que elas impõem (principalmente no que se refere a remuneração do ‘programa’)” (FREITAS, 1985, p. 46). Assim, o horário diferenciado e o valor do programa são como garantias em relação ao agrado do seu gosto. A maneira de falar ao telefone, o tipo de mensagem que envia (no celular, no MSN ou no *Twitter*) e as lembranças (e relatórios) de programas anteriores também são critérios importantes:

Gabriela: Eu aceitava qualquer coisa que vinha até aprender como tu distingue as pessoas por telefone. Hoje em dia eu to numa fase, numa posição muito conveniente pra mim porque eu consigo escolher os clientes. Eu não estou disponível à todos entendeu? Então tocou o telefone eu olhei, atendi, bah o cara tem o que, 23, 25 anos, jeitinho surfistinha, metidinho pápapa não vou sair com esse cara? Não é o tipo de cara [...] eu saio com caras, clientes acima de 35 anos que sejam tranquilos, parceiros, mais preocupados em agradar a mulher, que eles tratem a mulher, como se dizia antes mulher a gente não bate nem com uma flor né? Que trate a mulher como se fosse uma princesa e geralmente a geração nova não tem essa mesma idéia então eles...o que acontece...eu seleciono, eu ganho bem, não ganho tão bem quanto deveria, mas eu saio com os clientes que eu quero, então pra chegar nesse posto é difícil.

Gabriela: Eu tenho um caderno onde eu tenho um relatório dos meus clientes, ó vermelho eu não saio, laranja é dependendo do jeito entendeu? Esse aqui é o que eu saio sempre de [...], meio grosso, muito querido pessoalmente, se preocupa com o prazer da mulher, dá uma e fica mais chupando bastante a gente antes, bem legal e tranquilo. Botafogo. 1h. R\$200. Quer fazer festinhas a dois. Vem pra Porto Alegre de 15 em 15 dias. Telefone, o dia que eu sai com ele se o pinto é muito grande, pau enorme, vermelho é não atender, laranja dependendo ó,

‘não quero atender mais, muito chato, queria pagar por duas horas, mas eu não ia aguentar por isso não fiquei’ porque era muito chato, o cara era muito chato aí eu não quis ficar e assim vai ó esse aqui só conversando não tiro nem a roupa aqui nos primeiros depois nunca mais, só na primeira vez e depois terminou aí na segunda vez se botou chorando, sentamos, ficou chorando, aí a gente não, eu cobro bem barato, cobro R\$150 e ficamos só conversando, então tipo assim, cada um tem um tipo.

Na casa em que a Marielly trabalha ainda que haja a presença de um agenciador há também liberdade na escolha do cliente e esta se dá por meio das conversas no bar da casa e da negociação do programa. As garotas, em geral, apresentam-se como tendo total controle da atividade, contudo não obtive relatos sobre o perfil dos clientes da casa.

4.2 Categorias de prostituição e o manejo da identidade

Em seu trabalho sobre a organização da prostituição em Copacabana, Gaspar (1985, p. 89) cita as características de arquitetura, organização espacial e critério horário para diferenciar as categorias existentes. Da mesma maneira observada por ela, também verifiquei que há um discurso entre as garotas que “[...] visa estabelecer categorias de mulheres que se dedicam a prostituição e a hierarquizá-las, tanto pelo comportamento como pelo local de frequência e pela quantidade e posição social dos clientes.” Desta forma, “o mecanismo de atribuir estigma a outras modalidades de prostituição [...] [mostra-se] um elemento estruturante do processo de construção de identidade das garotas de programa” (GASPAR, 1985, p. 89):

Paolla: [...] eu sabia de uma coisa eu não queria trabalhar em casa nenhuma, não queria boate, não queria sauna, não queria casa de massagem, esse tipo de coisa nunca quis pra mim eu queria uma coisa que eu tivesse mais liberdade que eu pudesse fazer outras coisas, sem me prender, sem me estigmatizar, aí ela faz só isso, não.

Marielly: [...] daí saí, daí tive que trabalhar na sauna, tive que trabalhar no [nome] que é um nível menos, um pouco mais baixo sabe.

Gabriela: [...] eu sou GP de luxo, tu não me encontrou na rua.

Gabriela: [...] o parâmetro que eu tinha de GP era das prostitutas que ficam na rua e elas tem um jeito muito diferente de lidar do que a gente assim, elas são mais, são vulgares, eu não sei como te dizer, eu não tenho nada contra elas, mas elas têm o perfil de jeito assim das meninas diferente.

Assim, conforme Freitas (1985, p. 47) que também verificou a construção da identidade das garotas de programa os critérios passam por

[...] um exame das autoconcepções geradas em função do contexto de exercício da atividade ('rua' ou bordel em suas diferentes modalidades) e dos padrões de interação que se estabelecem no mundo da prostituição e no contexto familiar das prostitutas.

O autor distingue três dimensões da identidade da garota de programa, sendo uma “[...] primeira [...] construída através de um critério físico”, que diz respeito ao “[...] contexto de exercício da atividade” e ao nível de exposição dele decorrente; “[...] uma segunda [...] construída através de um critério moral”, que diz respeito a “[...] se assumir” de modo que é considerada imoral a prostituta que não se assume como tal e “[...] uma última [...] construída através de um critério afetivo” que se trata da negociação de padrões afetivos com as pessoas com as quais se relaciona neste contexto (FREITAS, 1985, p. 47). Em minha pesquisa verifiquei apenas a dimensão física. Esta apresenta a dicotomia bordel/rua, tendo como critério o nível de exposição, assim quanto mais exposta mais “prostituta” ela é. Claro que no contexto aqui trabalhado esta questão fica um pouco mais complexa considerando que na internet a exposição se dá em nível mundial. Se pensarmos nesta exposição como sendo principalmente física e menos de imagem, a questão se esclarece.

Freitas (1985) considera que o local ou a forma de trabalho das garotas de programa influenciam no manejo da sua identidade em seus relacionamentos e interações sociais. Em meu campo não observei situações que me permitam esta conclusão. Entretanto confirmei o que apresenta Cláudia Fonseca (1996, p. 8) em seu artigo que se concentra numa dimensão cotidiana, “[...] a dupla carreira – família e profissão – da mulher prostituta [e busca] mostrar essas mulheres como membros de redes sociais e universos simbólicos que vão bem além do metiê”. O que aqui é

interessante observar é que vivemos em um contexto sócio-histórico em que “[...] os papéis são diversos [e] os contextos diferenciados [de modo que o indivíduo pode] transitar entre diferentes grupos, não sendo englobado, diríamos nós, apenas por um deles” (VELHO, 2000, p. 18).

Desta maneira, a ocupação que temos é apenas um aspecto da nossa identidade e ela não está (mais) “estampada” ou “carimbada” nas faces. E como nem todos sabem, nem todos precisam saber. As mulheres comentam em seu cotidiano e nas entrevistas sobre as escolhas de com quem “abrir o jogo” e também da dificuldade e do peso de manter a prostituição em segredo. Uma das histórias que me chamou a atenção foi a de uma mulher que mora em uma cidade da região metropolitana e que trabalha alguns dias da semana em uma famosa casa de prostituição de Porto Alegre que fica próxima à empresa em que seu marido trabalha. Dentre seus amigos e parentes somente sua irmã sabe da sua ocupação. Ambas trabalham como garotas de programa no mesmo lugar, porém sobre a sua irmã parentes e amigos sabem. Encontros com os colegas de trabalho do marido na avenida em que pega ônibus são frequentes e quando acontece o marido é avisado às pressas que ela estava por ali para uma visita à irmã e encontrou os colegas de trabalho dele. Outra situação difícil e possível é a de encontrar conhecidos e/ou parentes nas casas em que trabalham ou ser contratada por algum, no caso das mulheres que oferecem seu serviço pela internet. Como muitas delas não mostram os rostos nas fotos pode ser apenas uma infeliz coincidência, mas na hora h como lidar? Paula conta que certa vez encontrou seu padrinho na “boate” e um trato foi feito: “tu não conta e eu não conto”. Mais simples que isto e igualmente preocupante é ser vista por conhecidos e/ou parentes nesta avenida conhecida como local de prostituição na qual se localiza o salão: o que tu andavas fazendo por lá, hein?!

Gabriela que oferece seu serviço pela internet e se prepara para o trabalho em seu apartamento afirma que o pior de se trabalhar como garota de programa é ter que sempre se esconder. E na hora de ir trabalhar ter que se esconder dos vizinhos:

Gabriela: [...] então eu tenho que ta sempre escondendo e esse fato de ficar sempre se escondendo, se escondendo pra tudo sabe? Que eu me visto, eu vou me vestir ai vou ter que passar ali pela recepção do prédio pela saída do prédio ai se

alguém me ver né ai já penso ta eu vou botar esse vestido, mas eu puxo ele pra baixo ou eu me maquio bastante, tenho um trabalho de manhã, eu me maquio bastante e tenho que botar um óculos quase do tamanho da cara pra tapar o que tu fez entendeu. Esse é o ruim, acho que a pior das coisas que tem nessa parte é o se esconder.

Se for segredo para alguns, não é para todos. Às vezes os filhos sabem, mas se prefere esconder dos colegas das crianças. Outras vezes não sabem, mas desconfiam, desconfiarão com o tempo. O marido sabe, mas as pessoas de sua convivência saberem, seria arriscado. Amigos e amigas do meio sabem, estão ali, os colegas da faculdade, nem sonham. Qual o critério? O risco. O que se tem a perder e o que se tem a ganhar falando a verdade. Quem sofre e quem ganha com a mentira. Nível de envolvimento na relação e confiança também contam.

Cristina: [...] então todas as pessoas que eu conheço hoje sabem, eu tomo cuidado pra pessoas tipo assim colega das crianças e pegarem no pé, não eu não quero que saiba, o pessoal do trabalho lá, não quero que saiba, mas por mim todo mundo sabe e hoje é uma coisa que eu, eu mando a merda se alguém me encher o sacho, eu assumi, assumi toda a briga da Cristina.

Gabriela: Tenho bastante amigos fora do meio, não ninguém sabe, faculdade também não, ninguém sabe, ao contrário né.

Marielly: Ruim porque tu corre risco toda hora, corre risco, eu já levei batida ali dentro do (?), quase morri de vergonha não sabia onde enfiar minha cara, imagina o meu nome, o meu rosto né eu sou aquele tipo assim eu faço só que eu não quero que ninguém saiba entendeu, eu não faço questão de sair e dizer o que eu faço, onde é que eu vou, onde é que eu trabalho.

Cristina: Eu contei, (?) não, vai acontecendo, tu ta dentro da casa com eles é óbvio que vai acontecendo, era pra ter durado um ano e já são três anos, então não tem como não saber.

Gabriela: [...] então é uma coisa assim que eu não teria vergonha, mas a cabeça deles ainda é muito cedo pra saber isso, por isso que eu vou enrolando, enrolando, a minha filha mais ou menos eu sinto que ela sabe alguma coisa.

Marielly: Tem algumas pessoas que não sabem, mas a gente não, a gente não se fala, é que assim eu sou muito aberta sabe eu não consigo esconder as coisas e os meus amigos todos são dessa desses dez anos né essa família que eu construí né que eu escolhi são meus amigos da noite, então às vezes tu conhece tipo assim vai na casa de uma amiga minha ah a minha tia não sabe, dai tu né ai tu chama fulana pelo nome né, ai tu chama pelo nome, tem que fazer esses papel, só que tu te sente mal né, eu não vo ta falando pra todo mundo também (?) acho o fim da picada isso ai porque ah todo mundo fala ah nós tamo em pleno 2012, minha velha o preconceito existe igual, bota eu olhando pra uma loja ali, tu provando roupa, que tu faz? ah to me formando em ciências ai, psicologia, e tu? ah eu trabalho (?), depois que elas souberem o que eu faço olha o comportamento delas contigo e comigo não adianta, não vem me dizer que não tem, tem preconceito sim, é tem que sempre ser discreta, o máximo possível.

Gabriela: O pessoal a relação do pessoal saber ou não é bem complicada porque uns pensam uma coisa, outros pensam outra entendeu, é complicado isso, mas é que não tem outro jeito, o pessoal é muito preconceituoso, sinceramente até as próprias meninas são porque se não a gente assumiria né.

Gabriela: [...] eu acredito que tu encontra um, tu fica com um cara na balada, tu não vai olhar pra ele pô deixa eu te contar (?) não tu não tem nada sério foda-se o cara entendeu, agora se tu começar a namorar com o cara, se for uma coisa séria, ai eu acharia interessante falar né que nem o meu caso, o meu ex queria voltar eu dizia não enquanto eu preciso te falar uma coisa eu não vou voltar enquanto eu não falar ai eu falei que eu acho que é a forma mais correta, apesar que eu sou contra, todas as meninas que trabalharam comigo elas escondiam do namorado, cada um com seus problemas, eu não concordo porque eu acho que o namorado ou marido, a pessoa que ta contigo é uma coisa que tu deve, eu não devo satisfação pro meu pai e pra minha mãe (?) mas pra pessoa que ta morando comigo pro meu companheiro eu sou obrigada a dizer.

Marielly: O pai da minha filha me tirou de lá né, me tirou da noite, não deu certo, vivia jogando na minha cara que eu era isso, que eu era aquilo, que eu era de lá, que eu gostava de dá, que eu era uma vagabunda bláblábláblá não deu certo, esse eu conheci no (?) que era uma saída aqui da noite, todas as (?) boate se reuniam ali e ele era traficante né minha velha que ele ia me julgar?

Gabriela: [...] Aí eu falei pro querido no que eu trabalhava, um dia ele me falou assim 'ai pode me falar o que tu quiser que eu

te perdoo' ai eu falei, ai ele ta agora tu larga isso e volta comigo, eu disse 'aqui neguinho agora eu não volto mais', agora se tu quiser voltar tu vai ter que andar conforme a música e ai ele chorava, vivia deprimido

Gabriela: [...] só que ele não sabia no que eu trabalhava e ele me seguia, olha só tinha mais essa ainda, tinha que descer do ônibus, eu não podia ir direto trabalhar, eu tinha que chegar descer do ônibus e tontear no centro, pernear, aqui ó, ai entrava na loja, saía, (?) me escondia debaixo das arara, era uma, todo dia era isso, era uma trabalhadeira e ele entrando em tudo quanto é inferninho e me catando e eu trabalhava na (?) na época, ganhando uma nota né.

Cristina: É que eu nunca me relacionei com alguém assim sendo prostituta, como é que eu vou te explicar, eu já era casada, já morava com o pai do meu mais velho quando eu comecei, eu tive três relacionamentos, foi ele, foi o segundo e o último.

O segredo existe porque na experiência corporificada “[...] elas são tão prostitutas quanto estudantes, [...] noivas, cristãs, [...] filhas de alguém e mães de alguém” (OLIVAR, 2011, p. 18) e a identidade destas mulheres como entendida individualmente e socialmente não estaria mais restrita à prostituição, contudo o preconceito e os riscos de se assumir prostituta permanecem.

No salão, também devido a esta multiplicidade de papéis os assuntos giravam em torno dos procedimentos e tratamentos estéticos realizados ali ou fora dali, mas fundamentalmente em torno de temas da vida cotidiana, conversando-se muito pouco sobre trabalho. Como quando Roberta conversava sobre o presente de dia das crianças da sua filha que ela ainda não tinha comprado. Comentou sobre o que a filha queria, o que ela combinou com o marido a respeito e falou que aproveitaria para também comprar algo para a sogra “pra fazer média” com ela. Numa ocasião falamos sobre os pais jovens que não aceitam ajuda dos mais velhos com seus filhos. Certa vez Luara comentou sobre as filhas do seu namorado que têm 15 anos e “são lindas”, ironizava dizendo que elas não se arrumam, não gostam de chamar atenção, acham tudo “uó”, Cátia comenta que a filha dela é que tá querendo “close”. Também conversávamos sobre a novela, sobre a Angélica estar ou não grávida e outros assuntos das revistas que estávamos lendo. E foi assim que a Cátia comentou que “a Feiticeira” virou crente, “crente não, evangélica”, então ela e a

Soraia começaram a conversar sobre se era a mesma coisa. Eu disse que achava que sim, elas disseram que não é, então a Dani explicou que crente é quem é da Assembleia de Deus, que não corta o cabelo, não usa brinco e que a Feiticeira é evangélica. Outro assunto comum são suas experiências profissionais anteriores e pretensões futuras e as experiências profissionais de colegas que trabalham em outras atividades além da prostituição.

4.3 “Fudida” e bem paga

Todas elas contam que começaram a trabalhar como garotas de programa em um momento delicado de suas vidas, o que é apontado por outras pesquisas (FONSECA, 1996, GASPAR, 1985; LOPES; RABELO, 2007) e deixam claro que não viam esta como a única alternativa, mas como a melhor. Lembrando “[...] que o dinheiro, e a facilidade constantemente enfatizada de obtê-lo em grandes quantias, é tido pelas garotas como o motivo principal para o exercício da prostituição” obscurecendo as possíveis “[...] desvantagens da atividade, colocando-as em segundo plano” (GASPAR, 1985, p. 105):

Paolla: [...] Ai que eu comecei a, eu comecei a pensar assim nossa como eu vou manter o meu padrão de vida? E agora? Eu tenho uma filha, a minha filha tem que estudar eu não queria, eu não tinha como trabalhar em dois empregos, eu não queria voltar pra casa da minha mãe, eu não queria depender da minha mãe né.

Marielly: [...] dai a minha amiga falou assim pra mim ‘ah tu ganha pouco dinheiro vai se sustentar com a pensão da tua vó e mais o dinheiro do estágio né’ dai elas já eram mais tipo assim avançada do que eu ai começaram falaram ah vamo trabalhar vamo ganhar grana porque tu já não tem família né como é que tu vai te sustentar.

Gabriela: O primeiro ano que eu fui trabalhar, o primeiro mês, eu tinha passado, terminado o ano com mais de 120 mil, eu recebi mais de 120 mil aquele ano, então tipo assim, tu fica assim cara num emprego normal tu vai fechar um ano e tu vai ganhar 120 mil? Não ganha, não ganha isso.

Cristina: ah trabalhos que me pagavam muito pouco, gostava, gosto, mas ai não conseguia me sustentar, não ia conseguir estudar.

Em pesquisa etnográfica junto ao NEP, Olivar (2011, p. 15) verificou questões semelhantes às aqui apontadas. Apresentou que garotas de programa jovens “[...] de camadas populares distantes de condições de miséria e de problemas com o álcool, as drogas ou qualquer *cliché* do gênero [entendem a prostituição] [...] como uma fonte prática de bons ingressos materiais”. Além de fonte de “[...] valiosos ganhos simbólicos (prazer sexual, festas, reconhecimento no mercado de desejos, estudo, contatos trabalhistas, etc.)” (OLIVAR, 2008, p. 378). A partir desta constatação, afirma que “[...] a prostituição, enquanto trabalho, enquanto fonte de relações e prazeres, enquanto *lócus* identitário, é apenas uma opção entre várias alternativas: docência, estudo, teatro, faxina, serviços gerais, vendas, casamento” (OLIVAR, 2011, p. 17).

Todas, em algum momento, apontaram fatos positivos de se trabalhar como garota de programa, especialmente o fato de esta ocupação ampliar a visão de mundo:

Gabriela: tu abre mais a tua cabeça, isso é uma das coisas boas assim, tu abre a cabeça, começa a ver as coisas de outro jeito não questão de preconceito assim de como se ver as coisas, mas tu te liberta de algumas coisas que a sociedade nos prende, principalmente a mulher.

Assim, quanto ao grau de satisfação ou insatisfação com a profissão elas demonstram ter consciência das suas escolhas “[...] feitas não sem antes ponderar quais seriam as perdas e os ganhos (LOPES; RABELO, 2007, p. 73).

Marielly: mas vai tem essa do risco né, mas fora isso estoura camisinha né pode levar um, já tentaram me bater, eu já fui agredida já, já tenho um boletim de ocorrência, ah e a má companhia né tu ta ta exposta a tudo ali é noite né guria, é droga, é tráfico, é morte, é bandidagem, é tudo o que tem de ruim tem na noite.

Gabriela: Coisas boas? Coisas boas é que tu conhece muita gente e tu te aperta em algum problema, tu ta com algum

problema tipo assim, tem um processo, tem que resolver um processo por exemplo tu pega um advogado ali, advogado, já aconteceu de eu adoecer, adoecer meu filho, alguma coisa assim e eu passar na frente de todo mundo, entendeu?

Gabriela: O lado ruim, o lado ruim é que tu fica encanado de doença e de coisa [...] e o lado ruim de ta sempre se escondendo.

Cristina: O que é bom é isso, sair, a maioria hoje dos meus clientes é mais nova que eu e eu saio com gatinhos a toda hora e eu sei que eles não tão saindo comigo pela minha grana porque eles tão me dando a grana deles, então ta tudo tranquilo. O que tem de ruim é a parte do profissão, como profissão, quando eu encaro isso como uma rotina, como uma profissão, tem que sair 3, 4 vezes por dia, que seja uma vez por dia, mas tem que ta disponível como profissão eu acho que perde completamente o sentido, então eu acho que a primeira coisa que do qual uma prostituta abre mão é do seu prazer pra dar pro outro e aí cadê a graça.

Há uma divisão então entre o que de forma simplista podemos chamar de “lado positivo” e “lado negativo”. Sendo o maior rendimento financeiro e a flexibilidade no horário de trabalho entendidos como o que há de melhor nesta ocupação e no lado oposto “[...] a discriminação [...] e [...] a pressão psicológica e emocional, originada da necessidade de se encobrir o exercício da prostituição [além de] alguns riscos envolvidos no cotidiano da atividade” (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 534), como o da violência, o que é revelado pela maioria das participantes desta e de outras pesquisas.

4.4 Nojo, “dupla personalidade”, diversão e prazer: significando o exercício da prostituição

Dentre os riscos e os aspectos negativos desta atividade apresenta-se então a alta exposição às Doenças Sexualmente Transmissíveis, o preconceito e, portanto, a necessidade de esconder o exercício da prostituição e o fato de se envolver em uma ocasião íntima com pessoas “desconhecidas”²⁵. Diante deste quadro observei,

²⁵ Coloquei “desconhecidas” entre aspas tentando demonstrar a relatividade do termo sendo que muitas vezes elas mantêm contato anterior ao programa com o cliente, seja no bar da casa, via internet ou telefone.

assim como outros pesquisadores “[...] uma complexa conceitualização, uma política corporal e sexual” (OLIVAR, 2011, p. 91) para estabelecer limites simbólicos que tornam possível ou mais fácil o exercício da prostituição:

Marielly: [...] mas é brabo assim sabe, tu nunca ter visto a pessoa assim e ter... mas dai tu começa a ficar mercenária, tu não enxerga mais a pessoa, tu enxerga uma nota na tua frente.

Marielly: [...] na real eu não sei nem como eu consigo ganhar dinheiro ainda porque eu sou ultra mega power estúpida. Eu enxergo o cara assim tu vai me dar a grana, vou, ta então me dá a grana, ah não posso te dar depois? Não, me dá agora, ah mas tu é muito braba, não tu me dá agora ou a gente pode descer, ai o cara dá tudo, faz o que tem que fazer, o cara já fez a dele ali, já levanto, já tomo banho, não fico ah, não consigo

Marielly: [...] acho que eu já ter que dar por dinheiro pra mim já e difícil agora tu imagina eu ter que dá o cu pra um cara que eu nunca vi na minha vida, se pra mim já é difícil abrir as pernas pro cara tu imagina eu ter que, que é mil vezes pior. Pra mim eu não aceito... Não gosto que fique beijando os meus peito, me dá ânsia de vômito eu quero morrer, ai eu sou bem, sou bem chata, não gosto de beijar na boca, não gosto de beijo na boca, é deu não vem botar língua, beijar tu beija a tua mulher em casa, sou bem, sabe, tu me pagou pra gozar então é o seguinte botar camisinha, vou te chupar, vou sentar em cima, me come de 4 goza, vou tomar meu banho e quero descer tchau tem coisa que eu acho que tem coisa que o dinheiro não paga sabe? Não sei nem onde ele meteu a boca (desceu com uma guria? sauna?) beijando na boca, ai é que eu enxergo assim sabe, acho que eu que sou neurótica, as guria ali não tão nem ai, eu que sou nojenta, acho que eu sou a mais neurótica que tu vai botar no teu coisa.

Marielly enfatiza o sentimento de “nojo” o que, em acordo com Gaspar (1985, p. 113) entendo que seja “[...] uma das maneiras de segmentar o contato sexual e de, em certo nível, negar a relação com o cliente. Pois, ao não se sentirem atraídas por eles, fato positivado pela repulsa, as garotas ali estão apenas pelo dinheiro.”

Contudo, apenas Marielly apresentou esta postura. A ideia da família ou de si mesma como contraponto à prostituição, como apresenta Cláudia Fonseca (1996) em trabalho já citado, apareceu apenas nas falas de Gabriela que se coloca como exato oposto de si mesma quando atuando como garota de programa. Gabriela usa

seu nome de trabalho e seu nome social nas falas para diferenciar diversas de suas atitudes cotidianas como sendo de sua própria personalidade ou da personalidade dela como garota de programa. Ela relata que as duas são bem diferentes, que as histórias de vida são diferentes e que muitas vezes já aconteceu de ela ir trabalhar exausta e quando abriu a porta do quarto se transformou em uma pessoa animada e disposta:

Gabriela: As duas são bem diferentes, tanto que eu entro no quarto, assim cansei de ta assim ó, a Gabi chegar na porta do quarto assim meia noite, cansada, eu atender cinco aquele dia, podre né no aniversário geralmente acontece isso, era meu aniversário o cara só tinha o horário da meia noite eu botei o cara a meia noite podre de cansada cheguei na porta, bati na porta (?) eu abro a porta ‘oi tudo bom? como é que ta? Tipo assim é algo visível, é visível a mudança entendeu.

Gabriela: [...] a gabi chega assim ‘e ai de onde tu é?’ ‘ah sou lá de fora (?) vim pra cá na adolescência, eu morei lá, nasci lá, tem dois filhos?, tenho dois filhos ah tu vai pra balada, mas vivo na balada, sabe assim, até a história da minha vida é diferente, a historia que a Gabriela conta como ela é uma coisa, a Gabi é outra entendeu, é diferente em tudo, totalmente são duas personalidades dentro de mim bem diferentes, totalmente, e eu domino bem, não é bipolar porque eu domino ela.

Gabriela: [...] que nem inversão, por exemplo, eu acho que o cara que quer inversão o cara é gay a Dani acredita nisso, o cara que quer inversão o cara é gay, o cara não tem coragem de dar só ele não é bi, a pessoa pede pra ser chamada de mulher, pede pra ser tratada como mulher ai vem dizer pra mim que é home, não, não é, mas a Gabriela não pode ter esse tipo de idéia porque ela tem vários clientes que fazem inversão, então os caras, tem um cara que diz assim ‘tu acha que eu sou gay?’ ‘não, isso é normal querido, todo homem faz isso’ entendeu tipo é uma coisa até minhas opiniões são diferentes eu tenho tudo, a Gabriela tem tudo diferente, tem bem, bem diferente.

Assim, estas duas mulheres, Marielly e Gabriela, parecem construir “[...] uma maneira particular de se relacionar com o próprio corpo, estabelecendo limites e barreiras simbólicas em relação a cada programa e aos clientes em geral” (GASPAR, 1985, p. 112). Sem dúvida Cristina e Paolla também têm “[...] sua maneira particular de se relacionar com o próprio corpo”, mas não demonstraram

utilizar de limites e barreiras simbólicas e enfatizaram o quanto se divertem e sentem prazer (não necessariamente sexual) com a atividade:

Cristina: [...] mas como é que eu vou sair eu não sei porque eu acho, agora eu acho divertido.

Cristina: [...] acho que eu nunca vou parar de sair porque eu acho divertido, mas e não, hoje não vejo assim ah vou sair com um gatinho não sei o que tal tal e ele não vai me dar porra nenhuma, não, não vou, capaz de eu ter que dividir o motel não, to fora, eu saio com gatinhos, eu cobro dos gatinhos, eu não vou sair de graça.

Cristina: Eu acho que o prazer é necessário, embora seja a primeira coisa que a gente ta acostumada a abrir mão né (?) eu acho necessário, eu acho que todo mundo tem que ter prazer, eu acho que não dá pra trabalhar sem prazer, em nada, nisso muito menos.

Paolla: [...] ai eu falei pra ela “então é, é isso, eu nasci pra milhares de coisas, mas se tem uma coisa que eu nasci foi pra fazer isso”.

4.5 Projeto, não destino

Assim como apontam outras pesquisas “[...] praticamente todas as mulheres já experimentaram outro tipo de emprego, não somente antes, mas durante [...]” (FONSECA, 1996, p. 20) o período em que atuam como garotas de programa. E dentre as participantes desta pesquisa todas planejam o abandono da prostituição como principal fonte de renda para um futuro próximo e algumas já trabalham com outras coisas. Paolla, por exemplo, comentou comigo que também trabalha com moda, desenhando e confeccionando roupas, em princípio para uso próprio, mas que pretende expandir a atividade com o tempo e, Marielly, sendo formada técnica em enfermagem, comentou sobre a possibilidade de prestar concurso público, Cristina e Gabriela também me contaram seus planos:

Cristina: Eu faço sites, eu tenho um portal que não ta rendendo nada, devo pegar um outro trabalho e a gente tem o projeto do portal do empreendedor por isso eu vou abandonar

isso inevitavelmente tipo assim vou abandonar porque vai acabar o tempo.

Gabriela: Na verdade é que eu não pretendo ficar nisso pra sempre e eu também não quero, digamos, eu tenho vontade de voltar pra faculdade e continuar e terminar Psicologia, ter meu consultório, ter tudo tranquilo.

Gabriela: Sobre os planos? Eu to juntando uma grana pra comprar alguns imóveis, botar pra alugar alguns imóveis porque eu (?) na minha cabeça que eu vou ganhar [...] então pra mim conseguir um, uma coisa que eu ganhe dinheiro tem que ser uma coisa que renda muito porque eu gasto muito.

4.6 Além da ambivalência “mãe x puta”

Nas linhas acima apresentei vários aspectos da identidade das garotas de programa entrevistadas relacionando-os com aspectos apresentados por outros pesquisadores contemporâneos. Parece-me fundamental aqui pensar em como elas significam sua inserção na prostituição e como elas demonstram superar a ambivalência “mãe x puta”. A inserção na prostituição não me pareceu determinante da sua sociabilidade, nem da sua condição feminina, menos ainda do seu destino, mas apenas um aspecto a mais da sua identidade. Não sendo esta identidade (bem como qualquer outra) estável.

Se a partir dos discursos e das práticas a sociedade define o que é aceitável, como e quando o é, mesmo a prostituição, culturalmente vista como uma forma de autodegeneração pode encontrar justificativa. Cláudia Fonseca (2004, p. 273) aponta que comumente a literatura apresenta como justificativa para esta escolha o fato de se tratar de uma “[...] mulher, sem dúvida abusada na infância, [que] sofreu sérios abalos na sua autoestima” a isto se soma a possibilidade de ser uma mulher sem qualificação profissional, analfabeta, lutando pela sobrevivência (TORRES; DAVIM; COSTA, 1999), pois considera-se que “[...] nenhuma mulher ‘normal’ escolheria esse trabalho a não ser que fosse ‘forçada’” (DOEZEMA apud FONSECA, 2004, p. 296). Conforme discorri acima, o ser profissional do sexo por muito tempo só pôde ser justificado por coerções e abalos psicológicos e, na sociedade atual, pode ser entendido como legítimo para algumas pessoas pelos ganhos materiais como carro do ano, celular, festas, estudo, contatos trabalhistas.

A hipótese que se pode levantar é que o contexto pós-tradicional dê margem para a construção de identidades nas quais a prostituição possa ser significada como um projeto e definida como um trabalho. Sociologicamente entendo “[...] que não é um trabalho como qualquer outro, devido ao fato de ser estigmatizado, sofrer repressão policial e uma censura moral por parte da sociedade” (OLIVEIRA; TAVARES; COSTA, 2008, p. 12). Contudo, ainda que “[...] devido ao estigma, muitas prostitutas teriam dificuldade de assumir essa identidade social” (OLIVEIRA; TAVARES; COSTA, 2008, p. 8) elas podem admitir para si, e em certos contextos, que a prostituição seja uma escolha entre várias possibilidades, uma fonte, muitas vezes generosa, de autonomia financeira e de prazeres diversos, além da justificativa clássica de outras gerações acerca da necessidade de sustento de si ou dos filhos. Isto sendo possível e visível devido às transformações vividas na sociedade contemporânea e às características anteriormente citadas como constituintes desta.

Ainda assim a prostituição está historicamente ligada ao feminino e à malícia que lhe foi atribuída. Não apenas a prostituição de mulheres é mais comum e mais procurada, mas também o feminino e as características atribuídas a ele são almejados pelas mulheres que atuam como garotas de programa. De modo que corpo e comportamento tidos como femininos parecem ser essenciais para o exercício financeiramente bem sucedido da prostituição.

5 EXCLUSIVAMENTE FEMININO: MATERIALIZAÇÃO DO GÊNERO EM PRÁTICAS COTIDIANAS

Foucault (1987), Mauss (1996), Bourdieu (1999) e Merleau-Ponty (1969) foram os desbravadores de estudos sobre o corpo nas Ciências Sociais. No prefácio de livro O olho e o espírito de Merleau-Ponty, Dibrinesco (2008, p. 102, grifo do autor) afirma que para este autor “[...] esse corpo, que não parece mais que uma coisa entre as outras, é também a sede em que se articulam todos os significados”. Nesta linha Csordas (2008, p.102, grifos do autor) funda o paradigma da corporeidade partindo “[...] da premissa metodológica de que o corpo não é um *objeto* a ser estudado em relação à cultura, mas é o *sujeito* da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura”. A partir disto entendo que não são as semelhanças biológicas que definem o corpo, “[...] mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER, 2003, p. 29).

Segundo Bourdieu (1999, p. 17)

[...] a divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’ (...) ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Deste modo, “[...] o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 1999, p. 18). Seguindo esta linha, Judith Butler (2009, p. 108) aponta que

[...] o sexo se torna compreensível por meio dos signos que indicam como ele deveria ser lido e compreendido [e que] esses indicadores corporais são os meios culturais através dos quais o corpo sexuada é lido [de modo] que o corpo não se torna sexualmente legível sem esses signos e que esses signos são tanto cultural quanto materialmente irreduzíveis.

Assim, a autora entende que não há uma identidade de gênero anterior às expressões de gênero, pois a identidade é *performativamente constituída* (BUTLER, 2008, grifo meu).

A interpelação médica, chamada por Butler (2000) de interpelação fundante aponta para o caráter performativo do sexo, pois os corpos não são apenas

descritos, mas “[...] constituídos no ato da descrição [de modo que a fala] ‘é uma menina!’ não é um enunciado de um fato, mas uma interpelação que inicia o processo de ‘tornar-se menina’” (BUTLER apud SALIH, 2012, p. 125). E esse processo é contínuo, sendo essa interpelação “[...] reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo” (BUTLER, 2000, p. 117) de modo que é constituído um efeito naturalizado “[...] mediante atos performativos discursivamente compelidos” (BUTLER, 2008, p. 9).

A performatividade é um enunciado anterior ao sujeito. É aquilo que está no mundo dizendo o que ser e o que fazer. Não sendo “[...] um ‘ato’ singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas” (BUTLER, 2000, p. 121) a performatividade é “[...] a prática [...] pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2000, p. 111). E na medida em que ela é considerada ato, pois se dá no presente “[...] ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição” (BUTLER, 2000, p. 121).

Aqui a performatividade em questão é o gênero. Entendendo em acordo com Butler (2008, p. 59) que “[...] o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos [...] para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. Parece-me que “[...] a gente ‘se torna’ mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo” (BUTLER, 2008, p. 27). E se gênero é um ato performativo e o sujeito só existe enquanto ação, “[...] gênero não é algo que somos é algo que fazemos” (BUTLER apud SALIH, 2012, p. 89). Sendo esta a direção que tomei para pensar gênero a partir da prostituição percebi ao longo da minha pesquisa que “ser” garota de programa “[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos” (BUTLER, 2008, p. 59) sobre os quais irei discorrer a seguir, a partir da etnografia realizada durante seis meses num salão de beleza.

5.1 Lugar de passagem... Bronzeamento, cabelo, massagem!

No salão as conversas e as práticas eram sobre tratamentos de cabelo, pele, bronzeamento e cirurgias. O tema estava de certo modo naturalizado a ponto de não ser considerado uma questão, nem mesmo para mim. Foi quando no auge de uma conversa sobre tratamentos estéticos e silicone, Cláudia, uma travesti, levantou a blusa para mostrar seus seios dizendo que gostaria de aumentar a prótese. Tiffany

comentou que também pretendia colocar em breve, em seguida Bruna, que estava sentada, levantou-se, ficou de frente para o espelho e levantou sua blusa e o top que usava para mostrar o tamanho dos seios dela que também têm silicone. O assunto continuou e Dani começou a falar da sua prótese, do fato de ter “caimento” por ter sido colocada debaixo do músculo e disse que só vai trocar quando começar a cair e levantou a blusa para também mostrar como é. Então, as duas se aproximaram para olhar de perto. Novamente Laura abaixou o decote da sua blusa e explicou que quando ela fez a cirurgia, ainda não se implantava por debaixo do músculo e que por ela ter pouca pele naquela região, teve que puxar muito da axila, de modo que foi bastante sofrido o seu pós-cirúrgico. Assim como no salão, nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, em *blogs* de garotas de programa e em um Fórum chamou-me a atenção no decorrer das observações o cuidado e a dedicação na construção do corpo e da beleza. Tudo isso despertou um novo olhar e colocou em questão a “naturalidade” de as “mulheres” viverem certos processos estéticos. Afinal, é só a travesti que “se monta”?

Sendo o gênero “[...] um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo [e produz] o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície — daquilo que nós chamamos matéria” (BUTLER, 2000, p. 118) ocorre que uma resposta rápida à pergunta acima seria “sim”, mas com um olhar mais atento percebemos que não. Olhar este que se sobressai, por exemplo, quando Tatiane (hoje com cerca de 35 anos) mostra-nos uma pasta com fotos suas, recortes e afins desde o início da sua carreira de prostituta, com 18 anos. Comentando sobre agora ela ser uma puta velha e sobre as diferenças em sua aparência comparando quando não estava “montada” em relação ao momento atual no qual se considera “montada” devido ao uso de prótese de silicone nos seios e a outros procedimentos estéticos. Isso porque “[...] o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção” (BUTLER, 2008, p. 27).

Grande parte das garotas de programa que conheci no salão trabalhava em uma mesma casa e outras trabalhavam nas demais casas da redondeza. As travestis, em sua maioria, trabalhavam na rua. Em geral conheciam-se do trabalho mesmo ou das festas/encontros posteriores a ele em danceterias e bares também na redondeza. A opção por este salão era mesmo a localização e talvez os preços, já que algumas dessas casas têm seu próprio salão, contudo comenta-se que cobram preços altos pelos procedimentos. De maneira semelhante, as garotas de

programa com que interagi pela internet e que anunciam seu trabalho via internet em geral conhecem umas às outras do trabalho, das festas promovidas pelos sites de anúncio e dos encontros em sala de espera de motéis. Quanto a estas não conheci os salões de beleza e estéticas que frequentam, mas parecem ser diversos e igualmente lugares muito frequentados.

Além de o salão ser um local onde alguns procedimentos estéticos são realizados ele é um ambiente de encontro e troca de informações. Em certa ocasião Luara, Cátia, Luana e Dani conversavam sobre a lipoaspiração que a terceira quer fazer na barriga. Ela pedia conselhos às demais sobre o médico com quem gostaria de marcar uma consulta. De repente, levantou a blusa para mostrar sua barriga às meninas, Luara perguntou: “mas tu quer ficar gostosa ou quer só...” – “quero só tirar a barriga”, respondeu. E seguiram os conselhos a partir desta nova informação. Luara e Luana continuaram conversando animadamente sobre cirurgias plásticas e procedimentos estéticos, uma contando para a outra sobre o botox que fez ou que quer fazer, enquanto a Dani marcava a consulta. Aparentemente as duas já haviam feito lipoaspiração e botox. Luana contou que fez sua lipo nos braços, na barriga e nas coxas no verão. Luara então comentou sobre um novo tratamento para olheiras e Luana demonstrando contentamento, disse que precisa muito fazer algo para as olheiras. Luara mostrou as suas explicando que eram devido à “magreza”. Cenas como as relatadas acima aconteceram diversas vezes. Tanto alguém levantar a blusa para mostrar o silicone ou o bronzado, como as conversas sobre tratamentos estéticos variados realizados naquele salão, ou não, chegando a haver certa especialidade da parte delas sobre o assunto.

Quanto aos procedimentos estéticos lá realizados encontrei mulheres que frequentavam o salão todos os dias, três, duas ou pelo menos uma vez por semana para fazer cabelo, unhas, bronzamento, depilação e massagens. As unhas em geral elas faziam uma vez por semana, no salão ou em casa. Enquanto procedimentos cirúrgicos são realizados para aumentar ou “colocar no lugar” os seios, massagens são realizadas para firmar os músculos e aumentar as coxas e o bumbum.

Depois a Pati comentou com a Carla que quer voltar a fazer massagens até para ajudar na recuperação das cirurgias,

perguntei se ela havia feito todas já e quanto tempo fazia, ela disse que sim e que a última foi em dezembro, ela disse que o corpo dela tá outro, então a Dani e a Carla também comentaram sobre a cintura dela (que ela está acinturada) (Diário de campo, 05/03/2012).

Vi poucas cortarem os cabelos ali, mas muitas fazerem luzes e demais tipos de mudanças de cor, escova, “chapinha”, cauterização, escova progressiva, afinal:

[...] puta crespa não tem condições (Diário de campo, 23/01/2012).

Realmente não encontrei nenhuma mulher com o cabelo crespo durante toda pesquisa. Ainda assim, se crespa não, com os cabelos curtos muito menos! Marielly conta que ela mesma já foi desrespeitada por outras garotas por ter o cabelo curto. Portanto, no salão também eram colocados lavados, escovados, perfumados, pintados e vendidos apliques, ou seja, faixas de cabelos de várias cores e tamanhos (mas sempre lisos) usados para aumentar o comprimento dos cabelos. Em geral, cabelos na altura dos ombros poderiam alcançar o meio das costas e até a cintura.

Enquanto a Dani escovava o cabelo da Carla os comentários foram basicamente sobre o quanto eram bonitas as faixas e como tinham ficado boas no cabelo dela, ela pagou R\$ 450, “uma barbada!” (Diário de campo, 28/02/2012).

A rotatividade e a frequência no salão eram grandes, a partir das 16h e conforme se aproximava os horários de abertura das casas só aumentava. Qualquer semelhança com uma linha de produção não é mera coincidência.

O cabelo da Silvana ficou pronto, tira a tinta, corta, escova, chapinha. (Diário de campo, 11/10/2011)

Neste meio tempo entraram algumas meninas para fazer bronzeamento (Diário de campo, 11/10/2011)

Sem muitas palavras também entrou uma garota e foi para o bronzeamento, 20min depois saiu e saiu a garota que estava na massagem [...]. Logo mais entrou uma garota com um homem e foi para o bronzeamento. (Diário de campo, 03/11/2011)

Quando cheguei havia 4 clientes no salão: a Raquel de quem a Camila estava fazendo as unhas, uma amiga dela que já havia feito as unhas e estava esperando uma morena de olhos azuis que estava aguardando para fazer bronzeamento e escova e a que estava fazendo bronzeamento e depois fez as unhas. (Diário de campo, 19/01/2012)

A morena de olhos azuis foi pro bronzeamento. A que estava no bronzeamento foi fazer as unhas. (Diário de campo, 19/01/2012)

Após isto a Dani e a Amanda costuraram uma “faixa” de cabelo (aplique) e testou na Amanda (Diário de campo, 19/01/2012)

Mari saiu do bronze, Aline chegou foi direto pra lá, o cabelo da Carla ficou pronto, Carla foi embora. (Diário de campo, 28/02/2012).

Porque sim, “mulher sofre” (Diário de campo, 14/10/2011). E decidi não contar quantas vezes ouvi ou li esta sentença num tom de fatalidade, mas sempre antes, durante ou depois de algum procedimento escolhido e pago por esta mesma mulher. Esta sentença lembra-me “[...] o fardo dos ‘problemas de mulher’ [aquela] configuração histórica de uma indisposição feminina sem nome, que mal disfarça a noção de que ser mulher é uma indisposição natural” (BUTLER, 2008, p. 8) e que, portanto, qualquer sofrimento faz parte da sua existência.

E tudo fez mais sentido quando outra vez em campo uma garota magrinha, considerada por algumas garotas como “um pouco masculina”, marcou bronzeamento, cabelo e unhas. Quando ela foi embora a Dani comentou com outra garota que estava presente:

A Bia tá se cuidando mais né, arrumando o cabelo, as unhas.
GP: sim – quer trabalhar no cabaré não pode ser gurizinho né?
– pode até ser gurizinho, mas de dia né? (Diário de campo, 25/11/2011).

Certos “cuidados estéticos” parecem essenciais para o exercício da prostituição e estão associados a uma imagem ideal de feminino. De modo que materializavam esta imagem em seus corpos realizando diversos tratamentos estéticos que vão desde cirurgias e apliques de cabelo até procedimentos mais

cotidianos como fazer as unhas semanalmente, fazer escova e “chapinha” nos cabelos diariamente, bronzamento artificial e massagens algumas vezes por semana. Em conversas informais algumas garotas também me falaram sobre os cuidados com a alimentação e a regulação do peso e os investimentos de tempo e dinheiro em academia e suplementos alimentares, como Marielly que paga R\$400,00 por mês por um *personal trainer* na academia que frequenta.

É importante ressaltar que esta materialização, performance de “feminino” que verifiquei na prostituição, existe também fora dela – não necessariamente da mesma forma ou com os mesmos argumentos reflexivos – isso porque

[...] as normas regulatórias do "sexo" trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2000, p. 111).

5.2 Corpo: cuidado de si e construção do feminino

A prótese de silicone nos seios não é artigo de luxo, parece mais ser requisito básico: Paolla, Cristina, Gabriela, Marielly e a grande maioria das mulheres que conheci trabalhando neste meio têm.

Marielly: Só a prótese, silicone porque quando o meu namorado faleceu eu emagreci muito, eu fui a 48 Kg e eu fiquei muito magra e devido a essa magreza [...] meu peito mesmo ele caiu cara, caiu, tombou, e eu não consegui ai eu falei bom tem que né, por mais que eu voltei pra academia, [...] ai eu tive que botar, estética né porque tu tem que ta bacana, fazer topless, essa coisarada toda ai tem que investir né,

Gabriela: Aí o silicone eu botei porque era uma incomodação porque tipo assim uma coisa era transar com o meu marido, eu pegava botava um sutiã, alguma coisa [...] ai eu pra trabalhar era um sufoco porque os caras pediam pra tirar o sutiã e eu passava brigando ‘ai não quero’ ai os caras tiravam eu apagava a luz, ai os caras botavam a boca, eu ficava não ai não não fica ai, não chega aqui, e entende, eu ficava toda me escondendo, então eu vi que era necessário porque eu tinha que me expor e tinha que, nas fotos eu fiz umas fotos [site de anúncio] não aparecia meus peitos.

Sobre as práticas mais cotidianas todas elas dizem estar satisfeitas com seus corpos e não ter a estética como uma preocupação fundamental, afirmam também que os cuidados estéticos que realizam não estão relacionados à sua ocupação, ainda assim, em alguns trechos das falas grifados em negrito aparece a relação entre as práticas e a ocupação.

Marielly: Ah isso ai eu sempre me cuidei, isso ai não tem nada a ver com noite, sempre fiz exercícios, sempre frequentei a academia, sempre praia, bronzeada, coisa, não, a noite acho que a única coisa que eu botei por causa da noite foi o peito, essa relação corpo e noite eu não enxergo tanto pra mim, mas tem amigas minhas que mudaram bastante que eram muito magra não tinham peito, não tinham bunda, eram muito gordinha ai fizeram lipo né é investimento, eu vejo como um investimento, eu graças a deus nunca me preocupei com essas coisas porque eu sempre né, mas eu acho que tem que investir, **se eu fosse um bagulhete eu também ia investir horrores.**

Gabriela: Aí então a Gabi acha que, eu sinceramente o meu corpo, a Gabi não se importa com o corpo, eu sou bem tranquila.

Paolla: Olha tem uma coisa que se eu não for trabalhar, é a única coisa, se nesse dia eu não for trabalhar, ah hoje eu não vou trabalhar, eu não me sinto obrigada a fazer é depilação porque eu me depilo todos os dias, eu não posso me depilar com cera né, sou alérgica então eu me depilo com lâmina, então isso sim é uma coisa que ah to livre hoje não preciso trabalhar, beleza [...], mas fora isso tudo o que eu faço são coisas que eu fazia antes, a cor que eu pinto a minha unha, como eu me maquio, tudo, são coisas que eu sempre fiz.

Paolla: [sobre a necessidade da depilação] **é implícito** assim, não tem, eu acho que **esperam da gente isso**, que a gente tenha muito cuidado e esteja com, né, com a parte genital bonita.

Cristina: Não é o mais importante pra mim [...] [o que tu faz pra cuidar do teu corpo ou pra manter o teu corpo?] Muito pouco, eu vou a academia 2 vezes por semana [...] [E o que mais tu faz em termos de estética, geral assim, unha, cabelo?] Pouco, a unha eu procuro fazer em casa, não gosto de manicure, às vezes eu vou e o cabelo que deu esse desastre aqui, maquiagem, perfume (?) isso não é só porque eu trabalho de acompanhante, isso é do meu jeito, não mudo muito do meu

jeito eu acho, **eu gosto de chegar pronta** [...] eu saio perfeita de casa **eu acho que assim tem que ser**.

Elas apresentam práticas específicas suas, mas também a naturalização de certos “cuidados” e aparências como típicos de mulher o que aponto nos trechos em itálico. As falas a seguir são emblemáticas das duas questões que reforcei:

Paolla: Cabelo comprido, eu procuro manter as mesmas medidas, o mesmo corte de cabelo, eu não mudo muito, **não fujo né do perfil que eu criei, que foi usado já quando eu comecei**, que às vezes ah sei lá tu quer mudar, quer cortar o cabelo curtinho (...) eu até acho sexy ter o cabelo curto, mas sei lá, eu acho tão sensual, *tão feminina* com o cabelo comprido, ah **o dia que eu mudar de atividade** eu corto.

Marielly: Eu acho que *toda mulher gosta de se arrumar* né? Eu to sempre, (...) escova todo dia, agora eu faço meu cabelo porque eu fiz progressiva também (...) **mas tu tem que** estar sempre escovada, maquiada. Eu pago, eu pago pra fazer maquiagem todo dia, entendeu? **Tem que tá** maquiada **tem que tá** bronzeada, **tem que** fazer um bronze, **tem que** descolorir teus pelos, **tem que tá** numa postura bacana (...) uma roupa bonita, só que isso é pra mim, eu enxergo assim.

Nestas falas é possível notar a relação citada anteriormente entre certos “cuidados estéticos” considerados essenciais para o exercício da prostituição e uma imagem ideal de feminino (trecho em itálico). Bem como a relação entre as práticas e a ocupação. Esta situação fica muito clara quando Paolla afirma não ter mudado nada em sua aparência para começar a trabalhar como garota de programa, mas que procurará manter o seu perfil estético enquanto trabalhar com isso. E também quando Marielly, ao relatar algumas de suas práticas cotidianas, passa a acrescentar um “tem que” antes de cada uma delas referindo-se à preparação para o trabalho.

5.3 Corpo ideal? “O problema é o que eu vou botar na foto!”

Ainda que não façam uma relação reflexiva entre suas práticas estéticas e sua ocupação como garotas de programa o discurso sobre se há necessidade de ter certos cuidados com o corpo para trabalhar como garota de programa é afirmativo:

Cristina: Eu acho que sim, que precisa, precisa. Na verdade não, eu não acho que precise, mas eu acho que vão te cobrar muito.

Cristina: Sim deus o livre tu ter uma barriguinha.

Marielly: [...] agora eu machuquei o meu joelho, parei de treinar, daí dei uma engordada eu parei [de fazer show de strip] que o corpo a gente tem que o principal foco é o corpo né.

Marielly: Eu acho que tu tem que melhorar o que tu é, tu não pode querer ser o que tu não é [...] eu acho assim tu tem que investir pra conquistar um corpo tu tem que ta asseada, primeira coisa, ta bem vestida, ta maquiada, cabelo bom né (??) tem gente que gosta de fazer academia, tem gente que não gosta, mas tu tem que ta acho que também pra ti poder vender, tu tem que vender teu peixe né.

E falando sobre se existe um corpo ideal para ser garota de programa Gabriela explica:

Gosto é gosto, existe gosto pra tudo no mercado, **claro que alguns biótipos de pessoas né de corpo eles vendem mais, que são mais rentáveis, os mais proporcionais normalmente são mais rentáveis**, já outros não são tanto, então pra mim se eu tiver o biótipo esse que é o mais proporcional possível eu vou render mais, trabalhar mais, mas eu não faço mais o biótipo proporcional porque eu to mais cheinha, entendeu então eu sou mais mulher fruta, entendeu diferente tipo da, a Daiane ela tem o corpo bem proporcional porém é compacto demais, se ela fosse um pouco mais alta rendia mais, a Bruna ela é um pouquinho mais alta, mas ela é muito magrinha se ela engordasse um pouquinho taria perfeita entendeu, mas assim elas trabalham bem e eu trabalho bem porque tem gosto pra tudo então se eu ficar de um jeito ou de outro eu vou ter trabalho do mesmo jeito, o problema é o que eu vou botar na foto, entendeu, então as fotos eu tento deixar o mais real possível – Gabriela

Se, por um lado “existe gosto pra tudo no mercado”, por outro as falas que apontam o corpo ideal também quais são os “[...] corpos abjetos ou deslegitimados [que] deixam de contar como ‘corpos’” (BUTLER, 2000, p. 124) neste meio:

Marielly: [...] tem mulher que não ta nem aí né uns, como tu viu ali [...] é uns bagulho, é uns troço (?) eu não pagaria, ai eu sou sincera.

Cristina: [...] e uma mulher da minha idade e eu não escondo que eu tenho 39 anos, nos anúncios sai mais nova questão comercial.

Marielly: tem amigas minhas que mudaram bastante que eram muito magra não tinham peito, não tinham bunda, eram muito gordinha ai fizeram “lipo” né é investimento, eu vejo como um investimento.

A partir da ideia de “corpos abjetos” também podemos pensar os “corpos doentes” e então a preocupação, já citada no capítulo anterior, que as garotas de programa demonstram quanto a este risco eminente:

Cristina: [Usa preservativo sempre?] Aham. Não confio em maneiras de perceber no cliente, não, acho que tem que cuidar, embora seja uma exigência de mercado, eu devo ter te falado sobre isso já, a questão do oral sem preservativo, é uma coisa que a gente já, até conversei com as gurias eu to tentando tirar essa exigência porque tem risco né, tem risco de câncer de garganta tu não tem como prever olhando pro cara se ele tem uma doença.

Gabriela: [...] O lado ruim, o lado ruim é que tu fica encanado de doença e de coisa, muito então tipo assim de três em três meses tem que fazer exame tu fica neurótica mesmo que tu saiba que não estourou camisinha, que tu usou camisinha com todo mundo, eu no caso usava com meu ex-marido, mesmo sabendo que não tinha perigo de pegar nada, mas tu fica sempre naquela angústia de que vai pegar alguma coisa, eu pelo menos, eu neurótica, eu sou assim, naquela função.

Marielly: [...] é grupo de risco né, eu não sei tipo se o cara vai ali comigo eu não sei com quem ele saiu antes se ele usou camisinha se ele não usou HPV tu não HPV tu pega com camisinha, se o cara tiver HPV ele passa eu posso usar camisinha com ele, azar, só no toque, no tocar, então não adianta, tu ta correndo risco, tem que ta sempre fazendo exame, sempre se cuidando.

Marielly: [...] é um medo porque eu não vou te mentir eu to transando com cara que eu nunca vi na minha vida estoura a camisinha e ai, já estourou várias vezes, cada vez, eu vou

dizer, cada vez que eu vou pegar o meu exame de HIV eu sou eu tenho ataque, dor de barriga, eu fico com medo num nervosismo assim terrível, HPV Sífilis, gonorréia sabe todos os exames que tu faz tu fica sabe meu deus, 6 meses dali a 6 meses qual é a surpresa que eu vou abrir no porque tu não sabe se o cara que estourou a camisinha comigo tiver alguma pereba ai, AIDS não tem sintoma meu bem tu pode ficar com AIDS 15, 20 anos e não ter nada como é que eu vou saber, não é, é pesado, tu tá sempre a caraminhola pensante sabe, sempre pensando, sempre matutando, mas é assim.

Paolla: [...] Porque, porque na verdade não tem como a gente dizer ai não, vou começar a mentir aqui assim, não porque não se pega essa doença assim se pega, gente não se pega uma doença se pega outra, então quanto menos tu te expor melhor e como que tu, como que tu vai saber que aquela pessoa tá com a saúde boa, tá íntegra tudo bonitinho se tu não olhou, não teve um contato. Se eu ficar doente o prejuízo é meu a pessoa tá ali, ela tá doente ela tá ali ela não tá nem aí pra mim quem tem que se preocupar comigo sou eu e é o meu instrumento de trabalho é o meu ganha pão agora eu vou ah é lavou tá novo, não existe isso se tu marcar bobeira vai acontecer e não tem volta né.

Nos *blogs* das garotas de programa em geral há um espaço no qual elas se descrevem para os/as possíveis clientes, esta descrição diz respeito tanto ao seu comportamento como a descrição física propriamente dita²⁶. Segue alguns exemplos:

Cristina.

Idade: 29 anos | **Altura:** 1,62 m | **Peso:** 59 kg | **Cintura:** 65 cm | **Busto:**99 cm | **Quadril:** 101 cm | **Pés:**37 | **Cabelos:** castanhos, com luzes |

Paula.

Acompanhante **com nível**, educada, simpática e tarada... Morena pequena com sotaque da fronteira, divertida e espontânea...

Aline.

Sou super tranquila. Faço estilo namoradinha, carinhosa e super atenciosa. Gosto de boas preliminares, beijos envolventes, não dispense um bom sexo oral, adoro uma

²⁶ Não apresento aqui as descrições de comportamento apresentadas nos *blogs* das mulheres que entrevistei para não comprometer o sigilo.

pegada forte e homens com atitude na hora do sexo. Se você ama sexo e uma boa companhia, temos algo em comum!

Idade: 25 Signo: Escorpião Manequim: 36 Altura: 167 Peso: 51kg Quadril: 89 Cintura: 64 Busto 85 Olhos: castanhos Pés: 35 Fumante: Não

Paolla.

Idade: 28 anos Signo: Touro Altura: 1,65 Peso: 63kg Manequim: 36 Busto: 100cm Cintura: 65cm Quadril: 104cm Olhos: castanhos escuros

Roberta.

Acompanhante **de alto nível** para homens de bom gosto. Sou sexy, carinhosa, simpática, uma ótima cia... Descontraída, desinibida, sempre com vontade onde existe reciprocidade. O restante você descobre quando nos encontrarmos...

Idade: 26 anos Altura: 1,74 m Peso: 65 kg Manequim: 40 Busto: 103cm Cintura: 69 cm Quadril: 104 cm Olhos: castanhos esverdeados

As descrições apontam para características tidas como desejadas pelo mercado, como afirmou Cristina ao dizer que sua idade nos anúncios não é sua idade real. Diversos *blogs* assemelham-se nas descrições. Parecem seguir um roteiro predefinido. Inclusive as medidas, se observarmos atentamente, são muito parecidas. Em entrevista Paolla compara seu corpo ao da rainha da bateria da Mangueira Gracyanne Barbosa como sendo corpos muitos diversos. Considerando a comparação duvidosa fui verificar e, na verdade, seu porte e o de muitas outras garotas de programa é bastante parecido com o de Gracyanne que em Janeiro/2012 com 28 anos apresentava as seguintes medidas²⁷:

Altura: 1,74 Peso: 69kg Cintura: 68cm Quadril: 102cm Busto: 98cm

Além das medidas semelhantes, outra semelhança recorrente diz respeito ao “nível” (grifado em negrito nas descrições acima) das mulheres sempre alto, sempre bom, sempre existente. Este “nível” representa, eu diria, um duplo indicativo de recorte de classe: a classe social da garota de programa e a classe social do cliente que ela imagina que a procurará ou que ela deseja. Da parte dela este “nível” indica

²⁷ Fonte: <http://www.fernandavargas.com/category/moda-beleza-balada/>.

escolaridade, bom comportamento, delicadeza e capacidade de desenvolver uma boa conversa.

Conversando com Cristina e Gabriela sobre o que ou quem faz parte deste mercado elas me falaram sobre o fórum de um dos grandes *sites* de anúncios de Porto Alegre. Neste fórum, os clientes e possíveis clientes homens contam suas experiências com garotas de programa e discutem suas preferências de custo, corpo e comportamento. Sendo assim, estas mulheres por meio destes *blogs* apresentam-se, falam para homens e demonstram ter as características desejadas por eles e é neste sentido que uma “performance” aparentemente subversiva chama para si o imperativo heterossexual (BUTLER, 2000) que parte de “[...] uma matriz que só compreende o humano dentro de um esquema binário de gêneros e de sexos” (ALÓS, 2011, p. 433).

A denominação de “mariposa” (GASPAR, 1985) possivelmente aluda também à autotransformação cotidiana das garotas de programa. Gaspar (1985, p. 95) afirma que “[...] talvez as prostitutas, depois dos atores, exerçam a atividade mais caracterizada como teatral marcada pela ideia de ‘transformação’”. Portanto, é possível verificar nas descrições acima que a materialização do feminino da qual estou falando não diz respeito apenas à transformação ou ao trato do corpo em si, mas também aos gestos e comportamentos, bem como a maquiagem, o perfume e a própria vestimenta deste corpo conforme mostra o relato a seguir:

Gabriela: As roupas que nem eu te falei, tenho dois tipos de roupa, tem a roupa da Gabi e a roupa da Gabriela e tive que comprar bastante roupas assim. As roupas que geralmente as pessoas usam pra uma festa é a roupa que a Gabriela usa, roupa apertada, justa, com brilho, chamativa entendeu? Uma coisa mais provocante assim, mas não pode ser vulgar porque GP de luxo não pode ser vulgar, então tu tem que tu tem que te vestir bem, mas sem ser vulgar.

Isso porque “[...] pensar o ser feminino significa pensar em posturas, gestos, atitudes e comportamentos [e é com a valorização de certos atributos em detrimento de outros que há uma construção cultural do corpo de modo que este só pode ser compreendido se remetido] [...] a uma sociedade específica, suas relações de poder e a forma como sua sociabilidade se materializa”. (RUSSO, 2007, p. 501).

O que observei nestas mulheres não é diferente do que Mirian Goldenberg (2011b, p. 49) observou em suas pesquisas gênero e corpo na cultura brasileira. A autora aponta que no Brasil tanto nas classes médias urbanas, como nas mais pobres “[...] verifica-se que estas percebem seu corpo como um importante veículo de ascensão social e, também, como um capital nos mercados de trabalho, casamento e sexual.” De modo que “[...] para a mulher jovem e bonita [...] a prostituição soa como opção nada desprezível” (FONSECA, 1996, p. 21). E é neste último sentido que as mulheres apontam seu processo de materialização, como a busca por um corpo que é considerado ideal para a prática da prostituição, um corpo feminino, um corpo rentável:

Paolla: É o meu instrumento de trabalho, é o meu ganha pão.

Marielly: mas tu tem que ta [bem] acho que também pra ti poder vender, tu tem que vender teu peixe né

Marielly: lá paguei a vista o meu peito pra investir pra ganhar grana.

Nesta linha ainda, Mirian Goldenberg (2011b, p. 49) ressalta que “[...] este corpo capital não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser sempre sexy, jovem, magro e em boa forma. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício.

Com isto é possível afirmar que há relação entre os corpos que estas mulheres buscam, com os gestos que elas materializam e os corpos e comportamentos tidos como ideais para uma mulher ser desejada em nossa sociedade. Ou seja, um comportamento passivo, atencioso, carinhoso e fiel e um “[...] corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) [...] o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido” (GOLDENBERG, 2011a, p. 548).

5.4 É só travesti que se monta?

Retomando a situação, descrita no início deste capítulo, que despertou em mim um novo olhar quero assinalar que há estudos sobre a construção do corpo

“feminino” realizada por travestis e transexuais, contudo parece que também nos interesses de pesquisa esta construção está naturalizada quando realizada por “mulheres”. Não se discute o fato de muitas mulheres investirem tempo e dinheiro vivenciando certos processos estéticos e que isto esteja relacionado à busca de um ideal “feminino”. A naturalização do binômio feminino-mulher produz o esquecimento do gênero como uma convenção, um ato performativo e que é o mundo social que constrói o corpo como realidade sexuada (BOURDIEU, 1999).

No livro Travesti: a invenção do feminino Hélio Silva (1993, p. 134) afirma que “[...] ao contrário das mulheres, seus atributos físicos [das travestis] são obtidos graças a uma renhida luta contra a natureza”. Contudo o que verifiquei em minha pesquisa é que os atributos físicos destas mulheres (e, talvez, de outras mulheres) também têm muito pouco de “natural” de modo que a sua “luta” assemelha-se à das travestis. No mesmo livro o autor aponta que em seu campo com as travestis o “feminino delas” aparecia nos discursos como mais “feminino” que o “feminino” das mulheres “[...] porque o primeiro é uma minuciosa e permanente (segundo a segunda) construção consciente, [enquanto o segundo] se produz natural e inconscientemente” (SILVA, 1993, p. 134). Sendo o gênero um ato performativo, nem ali, nem aqui encontramos o “mais natural”, mas sempre uma construção consciente, talvez não nos termos que nós pesquisador@s usamos, e árdua em busca daquele utópico feminino.

Neste sentido proponho pensar esta materialização do gênero como uma *female impersonation* para “des-naturalizar” o binômio feminino-mulher. A *female impersonation* refere-se a “[...] uma transformação de gênero no sentido masculino para feminino intrinsecamente relacionada à vestimentas e teatralização, cuja base principal é a própria transformação demonstrada pelo *performer*” (BAKER apud VENCATO, 2005, p. 238)²⁸. É uma expressão usada para a transformação *drag*, mas acredito que poderia ser ampliada e usada para pensar outras situações de materialização do gênero especialmente se entendermos *impersonation* como “personificação”.

Considerando que “[...] todo corpo constituído como corpo feminino desempenha sua feminilidade imitando um mito de feminilidade” (SINHORETTO,

²⁸ BAKER, Roger. *Drag. A history of female impersonation in the performing arts*. New York: New York University, 1994.

2005, p. 146) é possível dizer que as mulheres garotas de programa com quem convivi por um lado se mostraram para mim como transgressoras e por outro como reprodutoras da feminilidade. Transgressoras da feminilidade como convenção de comportamento quanto à sexualidade por exercerem a prostituição e também práticas sexuais consideradas dissidentes, como as práticas homoeróticas, as práticas de inversão, o sexo anal, entre outras. E reprodutoras, por serem construtoras de um corpo dito estritamente feminino num processo de materialização de um ideal de feminino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando situar o grupo com o qual mantive contato, de acordo com a bibliografia das Ciências Sociais que aborda a prostituição, a delimitação mais adequada corresponde a adotada por Fonseca (1996) quando a autora propõe que a relação da profissional do sexo com o cliente, enquanto prostituição, só existe perante o pagamento. Procurei conhecer mulheres que se entendessem vivendo relações de prostituição, ou seja, com uma autodefinição de si como prostituta. Termos como prostituta, puta, garota de programa, profissionais do sexo, entre outros são utilizados para referir-se às mulheres que têm a prostituição como ocupação. No grupo pesquisado a nomenclatura mais recorrente é “garota de programa”.

A literatura aqui apresentada discorre sobre a prostituição e diversos problemas sociais e morais que a envolvem como a prostituição infantil, as questões de saúde pública (Doenças Sexualmente Transmissíveis e violência) e, o que tem recebido maior atenção nos últimos anos, o tráfico internacional de mulheres. Discorrem também sobre a “mistura” de sexo com dinheiro, os ganhos simbólicos decorrentes da ocupação e a prostituição enquanto vivência de sexualidade.

Questões estas sempre pertinentes, pois o tema da prostituição articula várias convenções sociais como a exigência da monogamia, da sexualidade passiva da mulher, a heteronormatividade, bem como a questão “[...] da contradição entre o sentimento e o dinheiro” (DUARTE, 2004, p. 70). Além disso, está em alta no Brasil e em diversos países da Europa a discussão sobre a regulamentação da prostituição como profissão e a sua legalidade em meio ao estigma e a imagem da prostituta como vítima de circunstâncias indesejadas e como uma “mulher” moralmente desviada que permanecem no imaginário social, em acordo com a normatividade heterossexual (BUTLER, 2008).

O gênero como categoria analítica partiu das feministas norte-americanas na década de 80 que há muito problematizavam a naturalizada sujeição das mulheres e buscavam contrapor-se ao discurso que se utiliza do sexismo como forma de discriminação, apontando que não há características subjetivas, faculdades, comportamentos ou papéis inerentes aos indivíduos determinados biologicamente, mas por uma construção social. Os dados da biologia não são determinantes, mas

coexistem com aspectos da personalidade e comportamento (NICHOLSON, 2000; PISCITELLI, 2002) e são utilizados para reiterar o sexismo. A estudiosa Judith Butler (2008, p. 25). afirma que “[...] a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. Assim, é possível compreender que o sexo é tão discursivo e cultural como o gênero e também não é puro domínio natural como se pretende convencionar.

Se a mulher é reprimida por ser mulher, a mulher prostituta é estigmatizada por ter a sua identidade social “[...] construída a partir da sua condição de transgressora das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade” (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 530). Sendo representada como desprovida de certas características do gênero feminino e fortemente ligada a características do gênero masculino como a dissociação entre sexo e sentimento amoroso (GASPAR, 1985). É como se nessa mulher houvesse uma anomalia de gênero. Deste modo, no imaginário social “[...] a prostituição aparece como fortemente determinante da inserção social da mulher prostituta e de sua condição feminina” (RUSSO, 2007, p. 501).

Ao contrário do que permeia o imaginário social, ao analisar aspectos da identidade das garotas de programa entrevistadas relacionando-os com aspectos apresentados por outros pesquisadores contemporâneos verifiquei como elas significam sua inserção na prostituição e como elas demonstram superar a ambivalência “mãe x puta”. A prostituição apareceu como um aspecto a mais da sua identidade, não determinante da sua sociabilidade, nem da sua condição feminina. Um projeto e não um destino.

Apresento os dados encontrados em minha pesquisa observando que vivemos em um contexto sócio-histórico no qual a afirmação de uma atitude considerada desviante mediante a justificativa de ser uma escolha individual, de busca financeira e de busca por prazer pode torná-la legítima. Se não para todos e em todos os contextos, ao menos para si. Isso porque, a liberdade de escolha, a autonomia econômica, o viver com prazer e não mais ser conduzido pela ancestralidade e seus valores como castidade e estabilidade, tornaram-se valores supremos.

A prostituição está historicamente ligada ao feminino e à malícia que lhe foi atribuída. Não apenas a prostituição de mulheres é mais comum e mais procurada,

mas também o feminino e as características atribuídas a ele são almejados pelas mulheres que atuam como garotas de programa. De modo que corpo e comportamento tidos como femininos parecem ser essenciais para o exercício financeiramente bem sucedido da prostituição.

Entendo que não são as semelhanças biológicas que definem o corpo, “[...] mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER, 2003, p. 29). Neste sentido, parece-me que “[...] a gente ‘se torna’ mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo” (BUTLER, 2008, p. 27). E se gênero é um ato performativo e o sujeito só existe enquanto ação, “[...] gênero não é algo que somos é algo que fazemos” (BUTLER apud SALIH, 2012, p. 89). Sendo esta a direção que tomei para pensar gênero a partir da prostituição percebi ao longo da minha pesquisa que “ser” garota de programa “[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos” (BUTLER, 2008, p. 59).

Em um ambiente de muita troca de informações e realização de procedimentos estéticos como bronzeamento, massagem, depilação, corte de cabelo, pintura e aplicação de “mega hair” em cabelos entre outros, frequentado por mulheres e travestis garotas de programa certos “cuidados estéticos” apresentaram-se como essenciais para o exercício da prostituição e associados a uma imagem ideal de feminino. De modo que esta imagem era materializada nos corpos a partir de diversos tratamentos estéticos que vão desde cirurgias e apliques de cabelo até procedimentos mais cotidianos como fazer as unhas semanalmente, fazer escova e “chapinha” nos cabelos diariamente, bronzeamento artificial e massagens algumas vezes por semana. A autotransformação das garotas de programa é cotidiana. E diz respeito não apenas à transformação ou ao trato do corpo em si, mas também aos gestos e comportamentos, bem como a maquiagem, o perfume e a própria vestimenta dos corpos.

Pensando sobre esta autotransformação cotidiana das garotas de programa, o próprio contexto levou-me a pensar em paralelo a transformação “*drag*” e travesti e, conseqüentemente, a relacioná-las. Quanto a isso percebi que há estudos sobre a construção do corpo “feminino” realizada por travestis e transexuais, contudo parece que também nos interesses de pesquisa esta construção está naturalizada quando realizada por “mulheres”. Verifiquei em minha pesquisa que os atributos físicos destas mulheres também têm muito pouco de “natural” e que sendo o gênero

um ato performativo, nem ali, nem aqui encontramos o “mais natural”, mas sempre uma construção consciente e árdua em busca daquele utópico feminino. Que, neste caso, é fonte de importantes ganhos financeiros.

A partir destes dados perguntei-me de onde vem a “cartilha” a ser seguida já que os corpos, as descrições nos *blogs* e as fotos parecem seguir um roteiro predefinido, tamanha a semelhança entre as mais diversas mulheres de diferentes agências, sites e casas. Quanto a isto as garotas me falaram sobre as exigências do “mercado” entendido aqui a partir de um fórum de discussão de um dos grandes *sites* de anúncios de garotas de programa de Porto Alegre e dos clientes em geral. No fórum, os clientes e possíveis clientes homens contam suas experiências com garotas de programa e discutem suas preferências de custo, corpo e comportamento. Observando o fórum tive a forte impressão de uma “objetificação” da mulher: nos relatos, nas críticas, nos elogios. Ao mesmo tempo em que as garotas de programa entrevistadas demonstram autonomia e forte poder de decisão diante dos seus clientes. Apesar disso e por isso o fórum pode ser uma ferramenta importante para uma análise futura da relação das garotas de programa com seus clientes e com as exigências/opiniões dos mesmos. Na ação a “objetificação” se concretiza ou o que ocorre é o empoderamento da mulher prostituta que exige do cliente tanto quanto ele exige dela?

Utilizando-me da reflexão antropológica realizei uma imersão para tentar entender como o outro pensa o mundo e o que impulsionou a pesquisa aqui apresentada foi a busca por conhecer e analisar os possíveis ganhos simbólicos (OLIVAR, 2011) atribuídos à profissão e as condições para sua ocorrência, relativizando, em acordo com Fonseca (1996) a imagem da prostituta sofrida que só exerce esta atividade devido à coerção ou a miséria. Para tanto defini como primeira tarefa metodológica realizar observação participante e, como segunda, realizar entrevistas semiestruturadas com mulheres que atuam de diferentes formas na prostituição para aprofundar questões vistas em campo. Dadas as transformações ocorridas no decorrer do trabalho e o local de observação meu novo problema de pesquisa questionou se os procedimentos estéticos realizados por garotas de programa podem ser entendidos como uma materialização do gênero feminino e se este processo está relacionado com a ocupação das mesmas. Além disso, pensei e verifiquei a prostituição como uma escolha dentro de um campo de possibilidades e

analisei como as mulheres participantes da pesquisa entendem suas identidades e significam sua vida como garotas de programa. Percebi que sim, aquele salão de beleza é um espaço exclusivamente feminino, um espaço de construção do feminino como características corporais e comportamentais independente de “sexo”.

REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n.2, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200007>>. Acesso em: 14 maio 2012.
- ALVES, Fábio Lopes. **Noites de cabaré**: interação, gênero e sociabilidade na zona de meretrício. 2010. 207 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://bdt.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1312>. Acesso em: 14 maio 2012.
- BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p. 315-362, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200015>>. Acesso em: 14 maio 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 7-20, out. 1996. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200001>>. Acesso em: 23 maio 2012.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 125-150.
- BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000100006>>. Acesso em: 23 maio 2012.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 236.
- CASTILHO, Ela Wiecko V. de. A criminalização do tráfico de mulheres: proteção das mulheres ou reforço da violência de gênero? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p.101-123, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200006>>. Acesso em: 14 maio 2012.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CSORDAS, T. A corporeidade como um paradigma para a Antropologia. In: _____. **Corpo/ significado/ cura**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2008. 463 p.
- DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter o "anthropological blues". In: NUNES, Edson de Oliveira (Org). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2011. 256 p.

DIBRINESCO, G. Prefácio. In: MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito.** Rio de Janeiro: Grifo, 1969.

DOMINGUES, José Maurício. Reflexividade, individualismo, modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.55-70, jun. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200005>>. Acesso em: 23 maio 2012.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sergio (Orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 447 p.

FONSECA, Claudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p.7-33, 1996. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16650/15210>>. Acesso em: 23 maio 2012.

FONSECA, Cláudia. A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sergio (Orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** Rio de Janeiro: Graal, 1987. v. 1. A vontade de saber.

FRADIQUE, Teresa. Fixar o movimento nas margens do rio: duas experiências de construção de um objecto de estudo em terreno urbano em Portugal. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, bordéis: negociando identidades.** Petrópolis: Vozes, 1985. 111 p.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 135 p.

GEERTZ. Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989. 213 p.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich et al. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Ed. Unesp, 1997. p. 73-133.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes; SOUZA, Jane Felipe de. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. Afinal, o que quer a mulher brasileira? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 47-64, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652011000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 maio 2012.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero, “o corpo” e “imitação prestigiosa” na cultura brasileira. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 20, n. 3, p. 543-553, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000300002>>. Acesso em: 30 maio 2012.

GREGORI, Maria Filomena. As desventuras do vitimismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 143-149, 1993. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15998/14498>>. Acesso em: 16 fev. 2013.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em primeira mão**, Florianópolis, p. 1-18, 1998. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf>. Acesso em: 28 maio 2012.

GUIMARÃES, Katia; MERCHÁN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 13, p. 525-543, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/8371/7704>>. Acesso em: 28 maio 2012.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (Org.) **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré, 1999, p. 183-221.

JARDIM, Denise Fagundes. Antropologia em campos *up*. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta (Orgs). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2010.

KUSCHNIR, Karina. Uma pesquisadora na metrópole: identidade e socialização no mundo da política. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LOPES, Concimar da Silva; RABELO, Ionara Vieira Moura; PIMENTA, Rosely Pereira Barbosa. A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. **Psicologia & Sociedade**, Goiás, v. 1, n. 19, jan/abr. 2007, p. 69-76. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100010>>. Acesso em: 28 maio 2012.

MACHADO, Paula Sandrine. Entre homens: espaços de gênero em uma pesquisa antropológica sobre masculinidade e decisões sexuais e reprodutivas. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

- MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um *campo novo* para as ciências. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9369/8619>>. Acesso em: 28 maio 2012.
- MAUSS, Marcel. “Les techniques du corps”. In: MAUSS, Marcel (Org.). **Sociologie et Anthropologie**. Paris: PUF, 1996. p. 363- 368.
- MEINERZ, Nádia Elisa. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Mulheres, 2007.
- MENDONÇA, Silvia Beatriz. **Profissionais do sexo: motivações e sentidos para a ação na vida cotidiana**. 2010. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2010.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. IN: GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 9-27.
- MOREIRA, Vicente Deocleciano et al. Mulheres que não só dizem sim: violência sexual contra prostitutas de Feira de Santana – Bahia. **Metáfora Educacional**, Feira de Santana, n. 6, p. 29-41, jun. 2009. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/viewFile/1094/982>>. Acesso em 29 maio 2012.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-24, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167>>. Acesso em: 28 maio 2012.
- NORONHA, Fernanda. Onde estão as *b. girls*? A pesquisa antropológica numa roda de *break*. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Mulheres, 2007.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. A angústia dos corpos indóceis: prostituição e conflito armado na Colômbia contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p.365-397, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200016>>. Acesso em: 29 maio 2012.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. Entre Nilce, a prostituta, e Isabel, a Princesa: sobre redes, relações e arcabouços libertários. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 12, n. 27, p.1-25, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/20864/pdf>>. Acesso em: 29 maio 2012.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Guerras, trânsitos e apropriações**: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. 2010. 385 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/24035>>. Acesso em: 29 maio 2012.

OLIVEIRA, Alessandro; TAVARES, Aline; COSTA, Ana Carolina. Trabalho, cidadania e gênero: a experiência de formação da associação de profissionais do sexo de Campinas. In: CONGRESSO DA REDE DE ITCPS, 2., 2008, São Paulo. **Economia Solidária e a Política e a Política da Economia Solidária**. São Paulo: ITCP-USP, 2008. Disponível em: <<http://www.itcp.usp.br/drupal/files/itcp.usp.br/Trabalho,%20Cidadania%20e%20Gen%20ero.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2012.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 125-150.

PELÚCIO, Larissa. "No salto": trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Particularidades e generalizações: reflexões a partir de uma pesquisa urbana entre usuários de drogas em Porto Alegre. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, p.7-23, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000200001>>. Acesso em: 29 maio 2012.

PISCITELLI, Adriana. Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 64, p.17-32, jun. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000200002>>. Acesso em: 29 maio 2012.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n. 48).

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p.717-744, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300014>>. Acesso em: 29 maio 2012.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p.68-76, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/10720/10242>>. Acesso em: 29 maio 2012.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. O sistema de justiça criminal e a prostituição no Brasil contemporâneo: administração de conflitos, discriminação e exclusão. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p.151-172, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922004000100007>>. Acesso em: 29 maio 2012.

RUSSO, Gláucia. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 51, p. 497-514, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792007000300009>>. Acesso em: 29 maio 2012.

SALEM, Tania. Tensões entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holista. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p.419-447, out. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132006000200007>>. Acesso em: 30 maio 2012.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. **Estudios Interdisciplinários de America Latina y el Caribe**, Tel Aviv, v. 16, n. 1, p.147-164, 2005. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down083.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2012.

SARTI, Cynthia Andersen; BARBOSA, Rosana Machin, SUAREZ, Marcelo Mendes. Violência e gênero: vítimas demarcadas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 167-183, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312006000200003>>. Acesso em: 30 maio 2012.

SCHUCH, Patrice. Antropologia com grupos *up*, ética e pesquisa. In :SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta (Orgs). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2010.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p.5-22, dez. 1990.

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. In.: **Série Antropologia**. Brasília: UnB, 1998. Disponível em: <<http://nrserver34.net/~danunb/doc/Serie236empdf.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2012.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1993. 176 p.

SILVA, Kelly Cristiane da. O poder do campo e o seu campo de poder. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

SINHORETTO, Jacqueline. Corpos do poder: operadores jurídicos na periferia de São Paulo. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 13, jan./jun. 2005, p. 136-161. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222005000100006>>. Acesso em: 30 maio 2012.

SZAPIRO, Ana Maria; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 179-188, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000100019>>. Acesso em: 01 jun. 12.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. *L'Italia dei Divieti*: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p.275-308, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200013>>. Acesso em: 01 jun. 12.

TORNQUIST, Carmen Susana. Vicissitudes da subjetividade: autocontrole, auto-exorcismo e liminaridade na antropologia nos movimentos sociais. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

TORRES, Gilson de Vasconcelos; DAVIM, Rejane Marie Barbosa; COSTA, Terêsa Neumann Alcoforado da. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p.9-15, jul. 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11691999000300003>>. Acesso em: 01 jun. 12.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. 149 p.
VELHO, Gilberto. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 13, p. 15-29, jun. 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832000000100002>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Orgs). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

VENCATO, Anna Paula. Fora do armário, dentro do closet- o camarim como espaço de transformação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 227-247, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000100011>>. Acesso em: 30 maio 2012.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 174 p.

ZELIZER, Viviana A. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 32, p.135-157, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-8333200900010000>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

FONTES CONSULTADAS

PASINI, Elisiane. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, 2000. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51331>. Acesso em: 29 maio 2012.

STRATHERN, Marilyn. **The gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanesia**. Berkeley: University of California Press, 1988.

VELHO, Gilberto. Ciências sociais e biografia individual. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 38, p.3-9, jul./dez. 2006. Aula inaugural do curso de graduação em Ciências Sociais do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, ministrada em 6 de março de 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2264/1403>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 137 p.

**APÊNDICE A –
DADOS QUANTITATIVOS**

- Interlocutora_____
- Idade_____
- Orientação sexual_____
- Rendimento mensal médio_____
- Escolaridade_____
- Estado civil/relacionamentos_____
- Filhos_____
- Local em que trabalha_____
- Bairro em que mora_____
- Com quem mora_____
- Identidade social (como se identifica profissionalmente – Garota de programa, Prostituta, Meretriz...)_____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. História de vida

Pedir que contem a história da vida delas

2. Identidade

Diferentes Nomes

Dupla identidade?

Filhos/Pais/Companheiros/Colegas de Faculdade

Identidade social (como se identifica profissionalmente: garota de programa, puta etc)

Estigma/Preconceito?

Relacionamentos românticos

Relação com @ cafetão/agenciad@r/don@ da casa

3. Corpo

Construção do corpo – como tem de ser, como se constrói, motivos

Relação com o corpo/Vergonha

Gravidez/Aborto

DSTs

4. Prazer

Coisas boas e ruins de ser prostituta

A vida difícil

Além da vida difícil → Realização pessoal → Ganhos simbólicos: prazer sexual, festas, reconhecimento no mercado de desejos, estudo, contatos trabalhistas = Quais e Em que condições

Programa não é sexo? – possibilidade do sexo e do prazer sexual